

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM LÍNGUA
PORTUGUESA

ALEXANDRE JOSÉ SILVA

ESTUDO ANALÍTICO-DESCRITIVO DA GRAMÁTICA METÓDICA DA LÍNGUA
PORTUGUESA, DE NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA – RUPTURA E TRADIÇÃO

Monografia apresentada ao Programa de Estudos
Pós-Graduados em Língua Portuguesa da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
especialista em Língua Portuguesa, sob orientação
da Prof.^a Dr.^a Leonor Lopes Fávero

São Paulo - 2012

Agradecimentos

À minha família, pois sempre me apoiou e me incentivou em todos os momentos.

Aos colegas de curso.

Em especial: ao Cris e ao Márcio – amigos de longas jornadas e longas reflexões.

Agradeço aos professores que contribuíram para a minha formação, pois foram fundamentais.

Agradeço, de forma muito e muito especial, à professora Leonor Lopes Fávero. Mostrou-me o quão interessante é o estudo da História das Gramáticas, além, é claro, de ser competente e sábia. Soube passar toda a segurança necessária para a realização da monografia.

Conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. A língua é a mais viva expressão de nacionalidade. Saber escrever a própria língua faz parte dos deveres cívicos.

Napoleão Mendes de Almeida

Sumário

| | |
|---|-----------|
| Introdução | 6 |
| | |
| Capítulo I – Fundamentação Teórica..... | 12 |
| | |
| 1.1 – Gramática: possibilidades de conceituação..... | 13 |
| 1.2 – A <i>gramatização massiva</i> | 18 |
| 1.2.1 – A <i>Revolução Tecnológica da Gramatização</i> | 20 |
| | |
| Capítulo II – Referências Gramaticais de Napoleão Mendes de Almeida..... | 22 |
| 2.1 – Ernesto Carneiro Ribeiro – Elementos de Grammatica Portuguesa..... | 22 |
| 2.2 – A obra: estrutura..... | 24 |
| 2.2.1 – Conceito de gramática..... | 25 |
| 2.2.2 – As partes da gramática..... | 25 |
| 2.2.3 – Partes finais..... | 27 |
| 2.3 – Eduardo Carlos Pereira – Gramática Expositiva..... | 27 |
| 2.3.1 – A obra: estrutura..... | 29 |
| 2.3.2 – Conceito de gramática..... | 29 |
| 2.3.3 – As partes da gramática..... | 31 |
| 2.3.3.1 – Lexeologia..... | 32 |
| 2.3.3.2 – Morfologia..... | 34 |
| 2.3.3.3 – Sintaxe..... | 37 |
| 2.3.4 – Partes finais..... | 40 |
| 2.4 – Jerônimo Soares Barbosa – Grammatica Philosophica..... | 41 |
| 2.4.1 – A obra: estrutura..... | 43 |
| 2.4.2 – Conceito de gramática..... | 43 |
| 2.4.3 – As partes da gramática..... | 44 |
| 2.4.4 – Partes finais..... | 48 |

Capítulo III – Gramática Metódica da Língua Portuguesa – Napoleão

Mendes de Almeida

| | |
|--|-----------|
| 3.1 – Aspectos iniciais..... | 49 |
| 3.2 – O autor..... | 51 |
| 3.2.1 – A preocupação gramatical..... | 51 |
| 3.3 – Concepções gramaticais: metódica, expositiva..... | 52 |
| 3.4 – A obra: concepção..... | 57 |
| 3.4.1 – A obra: estrutura..... | 58 |
| 3.4.2 – Conceito de gramática..... | 59 |
| 3.4.3 – As partes da gramática..... | 60 |
| 3.4.3.1 – Lexeologia – estudo das palavras isoladas..... | 63 |
| 3.4.3.2 – Sintaxe – estudo das palavras combinadas..... | 65 |
| 3.4.4 – Partes finais..... | 68 |
| | |
| Considerações Finais..... | 70 |
| | |
| Bibliografia..... | 72 |

Introdução

O trabalho aqui desenvolvido, situado na linha de pesquisa da História das Ideias Linguísticas, tematiza a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida, à luz das gramáticas do final do século XIX e do primeiro quartel do século XX, tendo como base autores de referência para Napoleão quando da feitura de sua gramática. Embora não encontremos bibliografia em sua gramática, Napoleão cita os nomes de outros estudiosos da língua portuguesa que, de algum modo, contribuíram para a sua obra. Assim, ao estudar a gramática de Napoleão Mendes de Almeida, o objetivo desta monografia de conclusão de curso é compreender em que medida a obra promove uma ruptura em relação às gramáticas anteriores e em que medida permanece dentro de uma tradição gramatical. Se assim for, qual é a ruptura e qual o valor da ruptura? Qual é a tradição e qual o valor da tradição? A resposta pode ajudar a entender o porquê de a crítica especializada considerá-lo apenas um gramático ortodoxo e de pouca contribuição para a história da gramática no Brasil. Para tal empreitada, foi imprescindível buscar na *Gramática Metódica* referências que pudessem confirmar que o trabalho de Napoleão caminha, mesmo que tenuemente, entre a ruptura e a tradição.

Na leitura realizada, percebeu-se que a obra está alicerçada em autores como *Eduardo Carlos Pereira* (Carlos Pereira, denominação usada por Napoleão), *Soares Barbosa*, *Said Ali*, *Carneiro Ribeiro*, *Otoniel Mota* e *Frederico Diez*¹.

1. **A) Eduardo Carlos Pereira de Magalhães** nasceu no dia 8 de novembro de 1855 em Caldas - MG, filho de Francisco Pereira de Magalhães e de Maria Eufrosina de Nazaré. Lecionou as matérias de Latim e Português e foi ordenado pastor presbiteriano em 2 de setembro de 1881. Assumiu o pastorado da Igreja Presbiteriana de São Paulo em 22 de agosto de 1888. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Ficou viúvo em 1921 e a morte da esposa muito o abalou. Em 1922, viajou para a Europa e para os Estados Unidos. Faleceu em 2 de março de 1923. As suas principais obras foram: *Gramática Expositiva – curso superior* (1907); *Gramática Expositiva – curso elementar* (1908); e *Gramática Histórica* (1916).

B) Jerónimo Soares Barbosa nasceu em 1737. Recebeu o grau de Bacharel em Direito Canônico na Universidade de Coimbra em 1768. Toda a sua vida estava ligada ao ensino, pois de 1766 a 1790 exerceu a docência de retórica e poética no Colégio das Artes. Foi nomeado vogal da Junta da Diretoria Geral dos Estudos na Universidade de Coimbra em 1799. As suas obras mais importantes foram: *A Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa ou Principios da grammatica Geral applicados á nossa linguagem; As duas línguas* (1807), uma gramática filosófica comparada do latim e do português. Soares Barbosa foi também tradutor de Quintiliano e Horácio para português.

C) Manoel Said Ali Ida (1861 – 1953) foi um dos mais importantes filólogos do Brasil. Lecionou no Colégio Pedro II. Entre as suas obras principais, temos: *Gramática Secundária* e *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*.

D) Ernesto Carneiro Ribeiro foi professor do Colégio Estadual da Bahia e da Faculdade de Filosofia, em Salvador – BA. Foi um dos grandes gramáticos do século XIX. Teve a primeira edição dos *Serões Gramaticas* ou *Nova Grammatica Portuguesa* publicada em 1890. No prólogo de sua primeira edição, afirma que o seu trabalho é de gramática histórica. Já na obra *Os Elementos de Grammatica*

Para tentar responder à questão central desta monografia, optamos por sustentar a ideia de que a obra *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*² é um modelo de estrutura gramatical herdado da tradição gramatical, porém de ruptura quando diz ser a sua obra fruto de uma preocupação com a estruturação do estudo gramatical e ruptura, também, quando aprofunda a análise dos conteúdos gramaticais, ora buscando maior detalhamento dentro do próprio universo idiomático, ora aprofundando a análise buscando argumentos em explicações nas bases latina e grega, ora buscando no uso a confirmação de suas análises, como no exemplo a seguir

(...) Os comparativos analíticos mais bom, mais mau, mais grande e mais pequeno, que eram as formas antigamente usadas, foram, em virtude do uso, substituídas pelas formas sintéticas; mais pequeno, no entanto, perdurou até nossos dias, podendo com acerto empregar-se (p. 163)

e tudo isso sempre preocupado em não tornar sua *Metódica* um livro de gramática histórica, filosófica ou científica, mas uma gramática de mescla e cautela nas informações e de forte preocupação em clareza e didatismo, ou seja, permitir que a gramática (e, por consequência, o ensino) seja “*uma mistura de simplicidade e erudição, que exponha com raciocínios simples e termos chãos o que de melhor existe no terreno de nosso idioma*” (p. 14). Além disso, foi imprescindível relacionar a análise a ser feita da obra de Napoleão Mendes de Almeida³ com a obra *Gramática Expositiva – curso superior*, de Eduardo Carlos Pereira (1907), pois é o autor mais citado e mais utilizado como referência de grandes conhecimentos gramaticais por Napoleão, além de ser notória a semelhança de estruturação entre essas gramáticas.

Ao mesmo tempo, percebeu-se que a obra de Napoleão encerra uma forte preocupação com a ideia de MÉTODO para uma melhor compreensão e aprendizagem da

Portuguesa, o prefácio indica que “sairam a lume em 1885, sendo recebidos com benevolência pelo público, e foram aprovados pelo Conselho Superior de Instrução Pública”.

E) Othoniel Mota (1878 -1951) foi professor dos Ginásios de Ribeirão Preto e Campinas e professor de Literatura Luso-Brasileira, Filologia Portuguesa da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo. As suas principais obras foram: *Ensaio Linguístico* (1905); *A Evolução do Gerúndio* (1914); *Lições de Português* (1915); *Meu Idioma* (1916).

F) Friedrich Diez (1794 – 1876) considerado o mais importante nome da Filologia Românica. Suas principais obras foram: *Grammatik der romanischen Sparchen e Wörterbucj der romanischen Sprachen*.

2. Utilizaremos o termo “*Gramática Metódica*” ao falarmos da obra de Napoleão.

3. Utilizaremos a sigla NMA para fazer referência a Napoleão Mendes de Almeida.

gramática de língua portuguesa. Em seu prólogo percebe-se que a questão do método é um ponto reinante

(...) todas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as categorias gramaticais, encerram grave erro de método (...) chamo aqui a atenção para os títulos que encabeçam todas as páginas de minha gramática; a simples leitura de qualquer desses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes artes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante. (p. 13)

Situar a obra de NMA como uma grande e importante obra na história da gramática no Brasil é ter clareza de que muitos especialistas no campo da linguística dirão se tratar de um autor pouco relevante e de uma obra estanque dentro do universo linguístico, uma vez que as contribuições para o debate linguístico seriam nenhuma devido à ortodoxia e ao preconceito de seu discurso ao longo das décadas do século XX, principalmente pelo fato de Napoleão ter trabalhado por muito tempo como colunista do jornal *O Estado de São Paulo* na função de “consultor” para assuntos gramaticais⁴ e lá ser taxativo em relação aos avanços linguísticos: não servem para nada.

Quanto ao fato de NMA ser taxado de preconceituoso e ortodoxo, vale o estudo de Nelson Rodrigues Silva – “*O papel de Napoleão Mendes de Almeida no cenário dos estudos linguísticos brasileiros: conservação e intolerância, dissertação de mestrado, USP, 2005*”, pois o autor estudou o Dicionário de Questões Vernáculas de NMA a fim de observar o conservadorismo e a intolerância do autor nos anos em que trabalhou no jornal *O Estado de São Paulo*. O trabalho de Silva (op. cit.) focaliza o dicionário e revela que o

4. A coluna “Questões Vernáculas” resultou na obra intitulada “Dicionário de Questões Vernáculas”.

discurso de NMA naquele suporte (jornal) e naquele gênero (artigo) estava, em cada dúvida sanada e em cada comentário realizado, sedimentado de uma visão fortemente preconceituosa. Nesse sentido, para as possíveis respostas que esta monografia busca, o trabalho de Nelson R. Silva não contempla a análise aqui proposta, pois a obra a ser analisada é a *Gramática Metódica* (obra entregue ao público em 1943 – 1ª edição. Vale ressaltar que a obra, antes de sua compilação final, formava um conjunto de opúsculos cuja finalidade era a utilização em sala de aula pelo professor) e não o *Dicionário de Questões Vernáculas*, sem contar que o enfoque metodológico adotado para o trabalho aqui desenvolvido não é a análise do discurso.

O outro trabalho acadêmico a respeito de Napoleão Mendes de Almeida, de Juliana Marítimo Borges - “*Um estudo Descritivo-Analítico da Gramática Metódica da Língua Portuguesa e do Dicionário de Questões Vernáculas de Napoleão Mendes de Almeida, dissertação de mestrado, PUC, 2008*” -, estuda a *Gramática Metódica* e o *Dicionário de Questões Vernáculas* com o objetivo de revelar que a obra é fruto de um momento histórico – no caso, o período ditatorial de Getúlio Vargas.

A obra em si é fundamentada em autores referenciais do final do século XIX e que ditavam as possibilidades de estudos gramaticais no Brasil por conta das gramáticas produzidas por eles. A escassez de estudos a respeito do conjunto da obra de NMA ainda é muito grande e revela que muitos estudos ainda estão à espera de pesquisas. Pouquíssimos e esparsos são os trabalhos acadêmicos e não acadêmicos a respeito de NMA e ainda mais incipientes a respeito de sua *Gramática Metódica* – todavia, muitos são os alaridos em relação ao autor por conta dos embates entre ele e os linguistas.

Destarte, vale ressaltar que o trabalho aqui a ser feito se pauta na 3ª edição da gramática de NMA - 1947 - e tematiza o conceito de ruptura e tradição promovida pela obra quando de seu lançamento, uma vez que a ideia de uma “gramática metódica” não havia sido realizada no Brasil.

Recentemente, o professor Ataliba Teixeira de Castilho⁵ lançou no mercado editorial a gramática por ele denominada *GRAMÁTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO*

5. Ataliba Teixeira de Castilho é livre-docente pela USP. No ano de 2010, lançou a sua *Gramática do Português Brasileiro*. Obra ancorada nos mais de 30 anos de pesquisa a respeito da gramática da língua falada. A obra apresenta um portentoso estudo a respeito de diversos temas gramaticais. O quadro a que me referi, segundo o autor, faz a cronologia das gramáticas da língua portuguesa. Vale ressaltar: o quadro proposto pelo professor Ataliba mostra que a publicação da gramática de Napoleão foi em 1944, porém a data correta é 1943.

e no corpo do texto (páginas de 164 a 168) encontramos um portentoso quadro sinóptico das gramáticas existentes em língua portuguesa (o quadro indica o nome do autor da gramática, o título da gramática e o ano da publicação). Pudemos perceber, a título de ilustração, que a gramática de NMA foi e é, até o presente momento, a única a não apresentar adjetivações até então muito recorrentes em outros autores, por exemplo: EXPOSITIVA, ELEMENTAR, HISTÓRICA, SECUNDÁRIA, SINTÉTICA, ANÁLITICA, FILOSÓFICA, MODERNA. E não é apenas uma mera questão adjetiva que temos no termo, já que o próprio autor frisa, ao longo de sua gramática, a importância do método para os estudos gramaticais, pois dizia que as outras que o antecederam falharam nesse objetivo, o que para ele era um equívoco crasso, já que muitas delas objetivavam o ensino escolar.

Assim, ao nos debruçarmos sobre a *Gramática Metódica*, tentaremos notar de que modo a obra dialoga com a ruptura da tradição gramatical e com a tradição gramatical. Para tal feitura, o diálogo com autores referenciais para NMA será fundamental, caso, por exemplo, de *Ernesto Carneiro Ribeiro – Elementos de Grammatica Portuguesa – 8ª ed. 1958*, *Eduardo Carlos Pereira – Gramática Expositiva: curso superior – 89ª ed. 1926*, *Jerônimo Soares Barbosa – Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa – 7ª ed. 1881*. Eduardo Carlos Pereira, por exemplo, foi um dos gramáticos mais editados no Brasil no período em questão (final do século XIX, meados do século XX). Assim, não é difícil afirmar que, de certo modo, Napoleão parece ocupar o lugar deixado por Eduardo Carlos Pereira em relação ao número de edições de gramáticas⁶. Outro ponto importante: das referências citadas por NMA, a obra de Eduardo Carlos Pereira é a que espelha a obra de NMA, não apenas nas bases gramaticais como também na estrutura do livro em si. As demais, umas mais outras menos, não são tão semelhantes assim.

Em relação aos procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da monografia, destacamos os seguintes:

- levantamento e análise do material teórico a ser pesquisado;
- seleção e análise do corpus;
- análise do corpus.

6. De acordo com a Editora Saraiva (detentora dos direitos de publicação desde a primeira edição), a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* alcançou a marca histórica de mais de 500 mil exemplares (45ª edição, 5ª tiragem: dados referentes ao ano de 2003).

Esta monografia está dividida em três capítulos: no primeiro, apresentamos o referencial teórico que fundamentou o trabalho. No segundo, as principais referências gramaticais encontradas na *Gramática Metódica, de NMA*, e realizamos breves análises das obras desses autores. No capítulo 3, realizamos as considerações biográficas necessárias, a descrição e a análise da *Gramática Metódica*.

Capítulo I - Fundamentação Teórica

Este capítulo trata de questões concernentes à História das Ideias Linguísticas, a fim de analisar de que modo um determinado saber linguístico é interpretado e analisado no decorrer do tempo. Segundo Fávero & Molina (2006, p. 24), uma ideia linguística “*é todo saber construído em torno de uma língua, num dado momento, como produto de uma reflexão metalinguística ou de uma atividade metalinguística não explícita*”. Desse modo, ao iniciar o estudo da obra de NMA e fundamental que tenhamos em mente os pressupostos metodológicos que servirão de base para a investigação. De acordo com Fávero & Molina (Id., ibid., p. 26-8), três pressupostos se destacam:

1º – a exaustividade: ao analisar um documento, o pesquisador nunca apreende conceitos, leis e teorias de forma abstrata, pelo contrário, esses são percebidos numa unidade histórica anterior, onde são representados e podem ser recuperados e analisados. Isto quer dizer que o ato de saber possui *um horizonte de retrospectão e um de projeção* (Auroux apud Fávero & Molina, idem) e esse saber não destrói seu passado; ao contrário, ele o organiza e o escolhe, do mesmo modo que antecipa seu futuro. Assim, quanto mais o inventário aumenta, mais esfumada a noção de exaustividade, cabendo ao pesquisador recolher os fios que constituem esses saber, identificá-los, esticá-los para atá-los às diferentes áreas;

2º – a busca das fontes: empreitada extremamente perigosa, por vários motivos, especialmente pela dificuldade de acesso à documentação e pela seleção do material (uma vez que nem sempre é tarefa fácil conseguir localizar obras ou edições).

3º – o estudo da documentação: no tocante à análise do material, deve-se considerar o documento como dispositivo não sacralizado e, assim, interpretado no seio em que foi criado.

1.1 – Gramática: possibilidades de conceituação

Inicialmente, é importante que busquemos a noção de gramática, uma vez que esta monografia tem como objeto de estudo uma obra gramatical, até porque qualquer estudo que se objetive a ter um caráter científico deve, mesmo que sucintamente, visar a uma mínima explanação a fim de estabelecer limites de atuação dentro de um estudo de caráter analítico-descritivo.

Assim sendo, poderíamos conceituar gramática como conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada; tratado descritivo-normativo da morfologia e da sintaxe de uma língua; livro, manual, tratado de gramática; estudo objetivo e sistemático dos elementos (fonemas, morfemas, palavras, frases etc.) e dos processos (de formação, construção, flexão e expressão) que constituem e caracterizam o sistema de uma língua; modelo da competência linguística do falante nativo. Maurício Silva (2006) diz⁷ que descrições existentes em relação ao que vem a ser gramática, como as indicadas acima, deixam entrever que a gramática sofre dos limites de sua própria funcionalidade, uma vez que muitos são os sentidos adquiridos por ela e muito diversos são os sentidos entre si.

Silva, no artigo em questão, apresenta a discussão a respeito da plurissignifância que o termo gramática possui e as consequências dessa polissemia para os estudos gramaticais. O autor faz um alerta para o fato de que qualquer estudo que se proponha ser científico deve agir com vista à aplicabilidade de conceitos fundamentais, uma vez que as variações podem ser muitas dependendo das abordagens analíticas a serem feitas.

Na sequência, apresenta as primeiras possíveis definições do termo a partir de dicionários filológicos e de termos gramaticais, a fim de indicar o quanto essas definições estritamente técnicas não revelam a funcionalidade a que toda gramática está submetida.

7. Disponível em: “*A gramática brasileira novecentista: uma história*”, para a REVISTA LETRA MAGNA - Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 03- n.04 - 1º Semestre de 2006. Acesso em julho de 2010.

Vejamos:

(...) *a gramática pode ser definida como uma “ciência que estuda el sistema de una lengua”*; ou, em termos mais específicos, um “system by wich the words and morphemes of a language are organized into larger units, particulary into sentences, perceived as existing independently of any attempt at discribing it”. Tal descrição padece, a nosso ver, dos limites da própria funcionalidade da gramática, já que, do ponto de vista pragmático, a gramática adquire sentidos, muitas vezes, diversos daqueles aqui expostos. (p. 7)

Em sequência, afirma que *historicamente* há uma variada gama de proposições definitórias a respeito do termo gramática. Proposições que revelam uma mescla com a lógica e, subsequentemente, um novo estatuto gramatical quando a gramática é vista como uma ciência autônoma.

Segundo o autor, a partir da nova formatação adquirida pela gramática – ciência autônoma – teríamos englobadas três vertentes da linguística: fonético-fonológica, morfossintática e semântica. Na sequência de suas considerações, Silva diz que, a partir da junção das perspectivas conceitual e histórica, teríamos uma definição mais operatória, pois conseguiríamos estabelecer critérios mais pontuais para o conceito de gramática. Para tanto, o autor diz que dispensa a separação ideológica entre a Gramática Tradicional (GT) e a Gramática da Fala (GF), por conta de uma proposição mais operante.

Em seguida, estabelece o primeiro critério para o conceito: o cronológico. Diz que a gramática pode ser inserida dentro de uma perspectiva diacrônica ou sincrônica. Na diacronia encontraríamos tanto a gramática histórica quanto a gramática comparativa, conceitos que alcançaram sucesso em meados do século XIX. Silva define a *gramática histórica* como “a apresentação metódica da história interna de uma língua” e a *gramática comparativa* “a aplicação metódica do comparatismo a uma família lingüística”, definição esta, como diz Silva, de Mattoso CÂMARA na obra *Dicionário de Lingüística e Gramática*.

É facilmente percebível que, para Silva, as conceituações acima seriam o primeiro critério definitório, já que para o segundo critério – o teórico – teríamos

(...) a inserção da gramática nos limites da sincronia, podemos dizer que existem a *gramática geral* e a *gramática específica*, sendo a primeira destinada aos estudos dos princípios lingüísticos gerais (...) Já a definição da gramática específica trata de um sistema organizado de fatos lingüísticos de um determinado idioma, procurando expor tudo o que, *especificamente*, lhe diga respeito. (p. 02)

O autor ainda aponta um terceiro critério – o metodológico - que englobaria mais dois tipos de gramática: a descritiva e a normativa. Neste momento do texto, Silva aponta que o embate entre essas duas categorias remontam à antiguidade clássica: gramática como arte – considerando-se arte como técnica.

Na sequência e respectivamente, traça a visão de gramática na Idade Média e, de acordo com o autor, na Era Moderna. Visões que indicam a dicotomia entre uma gramática pedagógica (representada por Donato) e uma gramática normativa (representada por Prisciano – Idade Média). Na Era Moderna (a partir do advento do Renascimento – a *gramatização massiva*, neste momento retoma Auroux⁸), ocorreria uma separação mais funcional entre gramática normativa e descritiva.

Ponto bem relevante e pertinente do texto de Silva é a explicação feita acerca do possível desdobramento do conceito de gramática normativa, pois, para o autor, poderíamos conceber mais duas gramáticas:

(...) a normativa pedagógica, que não são senão os célebres manuais didáticos, isto é, livros “preparados com a clara intenção de adoção em sala de aula, por isso mesmo com apresentação de exercícios após a lição teórica; e a normativa teórica, aquela que, sem uma explícita intenção didática, procura registrar regras e preceitos voltados para o uso supostamente correto de um determinado idioma, a partir de uma variante culta que se constitui, assim, na norma padrão

8. AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas – SP: 1992.

da língua (op. cit. p. 3).

Segundo Silva, apresentando visão semelhante à de Moura Neves⁹ (2002), na prática não é tão fácil a separação dessas conceituações, conforme explica Silva, pois

(...) evidentemente, na prática, os fatos não se apresentam tão simples, nem tão esquemáticos, podendo haver divergências de concepção e fatura, intersecções profundas e contatos superficiais entre o que aqui consideramos descritivismo, por um lado, e normativismo, por outro. A bem da verdade, parece ponto pacífico entre os pesquisadores do assunto ou para o observador mais atento o fato de que toda gramática normativa apresenta certo grau de descrição da língua, da mesma maneira que qualquer gramática descritiva, ainda que não seja esse seu propósito final, traz subentendido modos exemplares de atualização lingüística. Semelhante ocorrência talvez se deva ao fato de que, a rigor, as gramáticas que aqui denominamos normativas são, na verdade, aquelas que procuram descrever um determinado padrão lingüístico, nesse caso, a norma culta do português, motivo pelo qual, mesmo adquirindo certo viés descritivista, a gramática não deixa nunca de ser, e até certo ponto, normativa (op. cit. p. 3-4).

Tal conceituação também pode ser encontrada no trecho abaixo, de Margarida Petter (2002), em que a autora explica que a dicotomia entre a gramática normativa e a gramática descritiva promovida pela gramática tradicional é uma redução do objeto analítico

(...) a tarefa do gramático se desdobra em dizer o que é a língua, descrevê-la e, ao privilegiar alguns usos, dizer como deve ser a língua. Na verdade, a conjunção do descritivo e

9. *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo, Unesp, 2002.

do normativo efetuada pela gramática tradicional opera uma redução do objeto de análise que, de intrinsecamente heterogêneo, assume uma só forma: a do uso considerado correto da língua¹⁰.

Nesse sentido, ao nos centrarmos no estudo da Gramática Metódica de NMA, tão criticada ao longo dos tempos, podemos dizer que no momento de sua publicação, a 1ª edição, concebida para (e dentro) aquele momento histórico, revela a continuidade de nossa tradição gramatical e uma ruptura quando se dispõe ao estudo metódico dos fatos da língua, com intuito de fornecer ao público (estudantes, professores e pessoas em geral) um livro que revelasse uma forte preocupação não apenas didática como também esclarecedora dos assuntos gramaticais

(...) todas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as categorias gramaticais, encerram grave erro de método (...) chamo aqui a atenção para os títulos que encabeçam todas as páginas de minha gramática; a simples leitura de qualquer desses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes artes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante.

Reconhecendo, outrossim, de grande utilidade para um livro didático, elaboramos um índice alfabético e analítico.

(...)

o que é necessário é evitar o exagero, o supérfluo, o inútil. A análise sintática de palavra por palavra das que concorrem

10. PETTER, Margarida. "Linguagem, Língua, Lingüística". In: FIORIN, J. Luiz (org.). *Introdução à Lingüística*. São Paulo, Contexto, 2002.

numa oração ou num período só deve ser feita ou exigida quando realmente necessária a um objetivo didático geral: estar a ensinar em aulas ou a exigir em concursos ou em provas escolares a função sintática de todos os elementos de uma expressão surrada por todos e encontradiça em qualquer bom escritor constitui exagero e inutilidade. Quando necessária ou para o ensino de casos gerais ou para confirmar uma discutida construção ou para esclarecer um erro e evitar a reincidência, é que a análise se impõe (p. 13-4)

1.2 – A gramatização massiva

Em sua obra *A Revolução Tecnológica da Gramatização* (1992, 1ª ed.), Sylvain Auroux explica a respeito da gramatização massiva dizendo que, a partir da Europa, a produção de gramáticas e dicionários surge por conta de motivos que vão da ampliação do conhecimento de outras línguas, expansão e domínio de territórios, manutenção da língua até a organização da sociedade e sua regulação cultural. Assim, se a gramatização “é definida por Auroux como um processo que conduz a descrever e a instrumentar uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalingüístico: a gramática e o dicionário” (op. cit.: p. 65), podemos dizer que NMA segue a tradição gramatical quando faz de sua *Gramática Metódica* uma possibilidade de descrever os fatos da língua e de instrumentá-la a partir de gramáticas e dicionários, até porque, nesse sentido, seria mais uma gramática dentro do universo de gramáticas que reinavam no Brasil nas primeiras décadas do século XX, revelando um conceito extremamente variado de gramática – abrangendo aspectos universais, descritivos e prescritivos.

Todavia, “não podemos nos esquecer de que o processo de gramatização foi e é transitivo, ou seja, uma metalinguagem não precisa ser original, pode ser tradução ou revisão de outras já existentes” (op. cit.: p. 45). Nesse sentido, embora sua *Gramática Metódica* mantenha concepções teóricas fundamentadas nas visões filosóficas e científicas, NMA, ao produzir gramáticas e dicionário, passa a construir um instrumento linguístico¹¹

11. In.: AUROUX, S. - “a gramática e o dicionário não são vistos como simples descrições da linguagem

- a *metódica* -, cuja finalidade é ser visto como uma técnica didático-pedagógica, rompendo, ao mesmo tempo em que reúne e mantém concepções teóricas fundamentadas nas visões filosóficas e científicas, como o próprio autor diz, com a “tradição” de equívocos crassos das demais gramáticas: a falta de clareza nas explanações, a falta de organização nos conteúdos, a falta de exercícios de verificação da aprendizagem, a falta de questionários para auxiliar o professor, a falta de base didática da gramática e, principalmente, a falta de um caráter metódico das obras, ou seja, a reunião de todos os outros elementos apresentados anteriormente (mesmo não abandonando as concepções em miscelânea que ainda perduravam nas gramáticas brasileiras: bases filosóficas ou bases científicas).

Assim, ao nos debruçarmos sobre a *Gramática Metódica*, encontraremos estruturas gramaticais detalhadas a partir de concepções já existentes. O próprio autor anuncia, depois de conceituar gramática, que a dele é de base expositiva¹², o que fará com NMA aumente os detalhamentos de suas explicações (fato que em relação às produções de outros autores é visível) e revele uma forte preocupação com o caráter prático de sua obra.

Segundo Sylvain Auroux¹³, “a gramática torna-se simultaneamente um técnica pedagógica de aprendizagem das línguas e um meio de descrevê-las” (op. cit.: p. 43), logo a gramática não deixa de ser uma técnica para o ensino da língua.

Assim, para Auroux, uma gramática deve constituir-se de

- a) *uma categorização das unidades; b) exemplos; c) regras mais ou menos explícitas para construir enunciados (os exemplos escolhidos podem tomar seu lugar)”* (op. cit. p. 66), além disso, o conteúdo das gramáticas é relativamente estável: ortografia/fonética (parte opcional), partes do discurso, morfologia (acidentes da palavra, compostos, derivados), sintaxe (frequentemente muito reduzida: conveniência e regime), figuras de construção” e, outro ponto fundamental, “a constituição de um corpus de exemplos é um elemento decisivo para

natural. Eles são concebidos também como instrumentos linguísticos” (p. 70)

12. Vale destacar que a edição utilizada aqui para a feitura do trabalho não menciona a gramática expositiva como uma possibilidade de gramática normativa.

13. AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas – SP: 1992.

a gramatização. De um lado, ele é evidentemente o núcleo da língua normatizada. Do outro, sendo construtos teóricos (mesmo quando, ao invés de serem fabricados, eles provêm de citações ou de excertos de um corpus), os exemplos testemunham sempre uma certa realidade linguística. Eles podem não somente disfarçar a ausência de certas regras (ou a impossibilidade na qual se encontra o gramático de formulá-las), como, quando necessário, podem ser invocados contra as regras e a descrição morfológica, ou ainda servir posteriormente para justificar outras descrições e outras regras (op. cit.: p. 67).

1.2.1 – A Revolução Tecnológica da Gramatização

Em seu livro *A Revolução Tecnológica da Gramatização*, Sylvain Auroux revela de que modo, na história humana, os conhecimentos sobre a linguagem se fundamentaram e se constituíram. Para Auroux, dois grandes marcos são fundamentais: o surgimento da escrita e o processo de gramatização das línguas no mundo.

O primeiro marco é que o aparecimento da escrita é semelhante a uma revolução tecno-linguística e um dos pilares necessários para o surgimento das reflexões sobre a linguagem.

O segundo marco é que o processo de gramatização das línguas (segunda revolução tecno-linguística) mudou detidamente a ecologia da comunicação humana e deu ao Ocidente um meio de conhecimento/dominação sobre as outras culturas do planeta.

Auroux inicia seu estudo a partir de uma reflexão acerca do nascimento das metalinguagens e apresenta dois tipos de saberes sobre a linguagem: um saber epilinguístico e um saber metalinguístico. Por saber epilinguístico entendemos todo saber inconsciente que todo locutor possui de sua língua e da natureza da linguagem. É este saber que faz com que entendamos piadas e jogos linguísticos. Já o saber metalinguístico é o sistema que nos permite a representação da linguagem e, desse modo, avançamos nas reflexões sobre o entendimento e produção de piadas e jogos. Além disso, o autor explica que o aparecimento da escrita surge como uma revolução tecnológica, pois desempenhou

um papel fundamental na passagem dos saberes epilinguísticos para os metalinguísticos.

Subsequentemente, após abordar o conceito de alteridade, Auroux observa que a primeira análise gramatical surge não da necessidade de se falar uma língua qualquer, mas da compreensão de textos. Além disso, antes de apresentar possíveis causas da gramatização das línguas, Auroux comenta que a gramática é, primeiramente, uma técnica escolar destinada às crianças que dominam mal sua língua ou que aprendem uma língua estrangeira.

Em relação às causas, a primeira delas é a necessidade de aprendizagem de uma língua estrangeira em um contexto de tradição linguística. Contexto que responde a vários interesses, entre eles: acesso à língua da administração; corpus de textos; língua de cultura; relações comerciais e políticas; viagens; colonização. A segunda causa faz referência à organização e à regulação de uma língua literária e ao desenvolvimento da política de expansão linguística de uso interno e externo.

Fator fundamental e relevante, também, é o conceito de gramatização massiva – quantidade significativa de dicionários e gramáticas de diversas línguas do mundo.

Por fim, o que é fundamental no conceito de gramatização de Auroux é a gramática ser considerada uma tecnologia e assim uma revolução tecnológica tão importante para a humanidade quanto a revolução agrária do Neolítico ou a Revolução Industrial ocorrida no século XIX.

Destarte, os paradigmas gramaticais, como bem explica Auroux, são relativamente equivalentes a determinados conjuntos de regras e, por conseguinte, podem por si sós ter a função de gramática, além de os conteúdos serem relativamente estáveis.

Capítulo II – Referências Gramaticais de Napoleão Mendes de Almeida

Para que corroborem o que fora mencionado anteriormente, ou seja, o fato de os conteúdos apresentarem relativa estabilidade, estabeleceremos algumas comparações entre Napoleão Mendes de Almeida – *Gramática Metódica da Língua Portuguesa* – 3ª ed. 1947 e autores anteriores a sua gramática, citados como fonte de consulta. As comparações em questão basear-se-ão nos seguintes pontos:

- a estrutura da obra: ano de publicação e edição, prólogo(s) e divisão dos conteúdos;
- o conceito de gramática e o conceito das principais partes da gramática (a partir da estruturação/divisão criada pelos autores. Assim, se determinado autor estruturar sua gramática em três partes, por exemplo - Fonética, Morfologia e Sintaxe - , serão as tais partes objeto de análise);
- os apêndices.

As comparações acontecerão a partir das seguintes obras:

- Ernesto Carneiro Ribeiro – *Elementos de Grammatica Portuguesa* – 8ª ed. 1958.
- Eduardo Carlos Pereira – *Gramática Expositiva: curso superior* – 89ª ed. 1926.
- Jerônimo Soares Barbosa – *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* – 7ª ed. 1881.

Vale ressaltar que a análise da *Gramática Metódica* de NMA mereceu um capítulo específico, o capítulo 3, denominado **Gramática Metódica da Língua Portuguesa – Napoleão Mendes de Almeida**, uma vez que o trabalho aqui desenvolvido tem como objetivo a análise da obra do autor.

2.1 – Ernesto Carneiro Ribeiro – *Elementos de Grammatica Portuguesa*¹⁴

Professor do Colégio Estadual da Bahia e da Faculdade de Filosofia, em Salvador –

14. A respeito dos dados biográficos de Carneiro Ribeiro, servi-me da tese de doutorado de Arival Dias Casimiro – *A Gramática Científica de Eduardo Carlos Pereira*, PUC, 2004.

BA, Ernesto Carneiro Ribeiro teve a primeira edição dos Serões Gramaticaes ou Nova Grammatica Portugueza publicada em 1890. No prólogo de sua primeira edição, Carneiro Ribeiro afirma que o seu trabalho é de gramática histórica, motivado que estava pelos estudos da gramática comparada e da gramática histórica, ou seja, a nova tendência de se estudar a língua como ciência. Buscou se adequar às observações da história da língua em sua evolução progressiva que vê a língua como um organismo vivo, sujeito às leis de qualquer ser vivo. Já na obra *Os Elementos de Grammatica Portuguesa*, o prefácio indica que

(...) saíram a lume em 1885, sendo recebidos com benevolência pelo público, e foram aprovados pelo Conselho Superior de Instrução Pública. Esgotada a 1 edição, saiu em 1887 a 2, revista e emendada, e logo em 1890 a 3 edição, a 4 em 1893 e a 5 em 1898 e finalmente em 1911 a 6 edição. Mais tarde, foi o trabalho refundido e grandemente aumentado pelo ilustre mestre Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho, herdeiro e continuador das glórias do velho mestre baiano, saindo a edição, a 7, a cargo da Livraria Catilina, 1932. (p. 151)

Vale destacar que a edição utilizada aqui apresenta o prólogo da 2ª edição e, por isso, o analisaremos a fim de compreender as observações (gramaticais ou não) feitas pelo autor a respeito da obra. Inicialmente, Carneiro Ribeiro diz que a boa acolhida da obra impôs o dever da revisão e correção a fim de torná-la mais digna de aceitação. Em seguida, agradece a todos os professores pelo acolhimento do trabalho e faz menção à importância de possíveis críticas. Faz uma observação importante a respeito da 2ª edição ao dizer que

(...) a presente edição vai escripta em duas especies de typos, bastando para o curso primario a doutrina escripta em typo maior; devendo, porém, os que fizeram o curso secundário ler, estudar e comprehender não só toda essa doutrina, senão tambem as regras, os preceitos, as observações e mais desenvolvimentos entresachados nos varios capitulos, e escriptos em typo de corpo menor. (p.

Adiante, comenta a respeito de dois novos capítulos que dão corpo a capítulos já existentes e, assim, avultando ainda mais o volume. São eles: capítulos relativos aos processos composição e derivação. Para o autor, os capítulos são de fundamental importância para o conhecimento da estrutura morfológica do vocábulo (por consequência, relevante, também, de acordo com ele, para a “materia philologica”) e a eles deveriam ser dedicados esforços, pois fundamentam “verdadeiramente a gramática”. Na sequência, diz que o estudo feito com “methodo, nexu, vagar e clareza” colabora com o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Diz, também, que o estudo, mesmo assentado no conhecimento da gramática latina, permitirá, no decorrer dos anos de estudo, ao estudante a entrada nos cursos superiores.

Por fim, faz um alerta sobre a necessidade de os professores se pautarem no estudo/ensino da estrutura morfológica do vocábulo e não apenas na análise “taximomica e syntactica”. Primeiro: o estudo nem sempre é feito com critério e acerto. Segundo: o privilégio dessa análise em detrimento de uma análise fonética, morfológica e etimológica, seria improfícua e prejudicial ao conhecimento “methodico e racional da lingua”. Termina fazendo alusão à importância do estudo do idioma como forma de render-lhe “o culto sincero e verdadeiro a que faz jus.

2.2 – A obra: estrutura

Em relação à divisão dos conteúdos, a obra apresenta a seguinte estrutura:

- Prefácio da 8ª edição
- Advertência preliminar à 7ª edição
- Prólogo da 2ª edição
- Introdução

1ª Parte – correspondente à fonologia e dividida em 3 capítulos.

2ª Parte – correspondente à ortografia e dividida em 2 capítulos.

3ª Parte – correspondente à lexicologia e dividida em 10 capítulos.

4ª Parte – correspondente à fraseologia e dividida em 10 capítulos.

2.2.1 – Conceito de gramática

Na obra em questão, o autor apresenta o seguinte conceito de gramática:

“grammatica pode-se definir a sciencia da linguagem. Praticamente podemos consideral-a a arte da linguagem”. (p. 159)

2.2.2 – As partes da gramática

Em relação às partes da gramática, temos:

1ª Parte – FONOLOGIA

Não se vê nenhuma definição a respeito do termo FONOLOGIA, mas sim uma grande explanação a respeito do aparelho vocal, das articulações e depois uma explanação das vogais e suas divisões, das consoantes e suas divisões, da noção de vocábulo - *“ todo syllabico que signal de uma ideia”* (p. 170) - e suas divisões, das figuras de dicção ou metaplasmos e dos acentos.

2ª Parte – ORTOGRAFIA

Diz que a ortografia pode ser absoluta ou relativa e menciona que o capítulo tratará apenas da primeira categoria, ou seja, da ortografia absoluta.

(...) a orthografia ou considera as palavras de per si, ou em relação umas às outras. No primeiro caso, diz-se orthografia absoluta ou de uso; no segundo, orthografia relativa, de principios ou de regras. (p. 179)

3ª Parte – LEXICOLOGIA

Sem que haja alguma definição sobre o termo lexicologia, temos a seguinte repartição a respeito dos *“elementos grammaticae”*:

“os elementos grammaticae são: o substantivo, o pronome, o adjectivo, o verbo, a preposição, a conjuncção e o adverbio” (p. 188).

Dois importantes dados merecem atenção: o primeiro diz respeito à classificação das palavras em oito categorias. São elas: *“o substantivo, o pronome, o adjectivo, o verbo, a preposição, a conjuncção e o adverbio”*. O segundo faz menção ao capítulo destinado aos verbos. Para o autor, os verbos podem ser divididos em abstratos e concretos, ou seja, o *“primeiro é também chamado substantivo, logico ou copulativo; os outros, attributivos ou adjectivos”* (p. 209). Assim, distingue, como Port-Royal, duas classes fundamentais de verbos, porém prefere usar a ideia de concreto e a ideia de abstrato.

4ª Parte – FRASEOLOGIA

Define do seguinte modo:

(...) a phraseologia comprehende a syntaxe propriamente dita e a construcção. É a parte da grammatica que trata da composição da oração e da phrase. As relações das palavras entre si, a formação e coordenação das proposições e das phrases, o laço que as liga e relaciona, tudo isso se aprende na phraseologia. (p. 309) Além disso, dentro da concepção filosófica, diz *“oração, proposição ou sentença outra coisa não é que a enunciação de um juizo. (pg. 309)*

Assim como outras gramáticas de cunho filosófico, diz que a oração apresenta três partes: sujeito, verbo, atributo o predicado. Em relação ao estudo das orações (coordenadas e subordinadas), diz que as subordinadas podem também apresentar a seguinte terminologia – o que não acontece com as coordenadas - : *“podem ser orações, clausulas*

ou sentenças substantivas, sentenças adjectivas, sentenças adverbias” (pg 320). Todavia, no decorrer de suas explicações, passa a denominá-las de cláusulas. Por fim, vale ressaltar a forte semelhança de conceitos com Soares Barbosa no seguinte trecho da sintaxe:

Grammática Philosophica da Língua Portuguesa – Soares Barbosa

(...) Assim, a construcção póde ser ou direita ou invertida, e ter comtudo a mesma syntaxe. N’estas duas orações: Alexandre venceu a Dario, e a Dario venceu Alexandre, as construcções são contrárias, porém a syntaxe é a mesma. (pg. 254)

Grammatica Portuguesa – Carneiro Ribeiro

(...) A construcção nada tem que ver com as formas e sim com a ordem local das palavras (...) Nas phrases Alexandre venceu a Dario e a Dario venceu Alexandre, é a syntaxe a mesma; mas é diferente a construcção, isto é, o concerto das palavras, que, num ou noutro caso, exprimem o mesmo pensamento. (pg. 309)

2.2.3 – Partes finais

Em relação ao apêndice:

Na obra em questão não há o apêndice¹⁵.

2.3 – Eduardo Carlos Pereira – Gramática Expositiva

Eduardo Carlos Pereira de Magalhães nasceu no dia 8 de novembro de 1855 em Caldas - MG, filho de Francisco Pereira de Magalhães e de Maria Eufrosina de Nazaré. A mãe, professora, ensinou-lhe as primeiras letras, mas Carlos Pereira iniciou seus estudos mais formais em Araraquara – SP, em 1870, no Colégio Ipiranga. Em 1873, continuou seus

15. Vale ressaltar que as demais obras apresentam, no apêndice, os tópicos correspondentes à Estilística.

estudos no mesmo colégio, que se transferira para Campinas. Em 1874, o Colégio Ipiranga se transfere para São Paulo, lugar de residência de Carlos Pereira.

Carlos Pereira foi ordenado pastor presbiteriano em 2 de setembro de 1881 e assumiu o pastorado da Igreja Presbiteriana de São Paulo em 22 de agosto de 1888. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Ficou viúvo em 1921 e a morte da esposa muito o abalou. Em 1922, viajou para a Europa e para os Estados Unidos. Em 2 de março de 1923, já muito doente, faleceu. Segundo Arival Dias Casimiro, *“no exercício do magistério - lecionou as matérias de Latim e Português - no Ginásio da Capital, de 1895 até 1923, produziu as suas principais obras gramaticais: Gramática Expositiva – curso superior (1907); Gramática Expositiva – curso elementar (1908); e Gramática Histórica (1916). Tão grande foi a difusão e a relevância social destas gramáticas para o ensino da língua portuguesa no Brasil que a primeira atingiu a 96ª edição; a segunda, a 153ª edição e, a terceira, a 10ª edição”*. Vale destacar que a edição utilizada aqui apresenta o prólogo da 1ª e da 2ª edições e, por isso, os analisaremos a fim de compreender as observações (gramaticais ou não) feitas pelo autor a respeito da obra.

Inicialmente, Carlos Pereira fala da importância de Júlio Ribeiro, pois foi o pioneiro na nova direção dos estudos gramaticais até então vigentes. Na sequência, diz que sua obra é *“a resultante das duas correntes – da corrente moderna, que dá ênfase ao elemento histórico da língua, e da corrente tradicional, que se preocupa com o elemento lógico na expressão do pensamento. Há verdade nas duas correntes: o erro está no exclusivismo de uma e de outra”* (p. 07). Ao diferenciar a gramática expositiva da gramática histórica, alerta para o fato de que a razão das regras da gramática expositiva está na fonologia, na morfologia ou na sintaxe. Diz, também, que, para a finalidade de um ensino expositivo, basta fazer com que a dosagem histórica esteja ao alcance do aluno. Para tal feito, apresenta notas e observações que serviram de base para as explicações históricas. Diz estar amparado em bases teóricas gramaticais das mais altas estirpes, como por exemplo: Frederico Diez e A. Darmesteter, sem contar os autores nacionais. Na sequência, aponta para o fato de que todas as explicações colimaram três fins, a saber: *“a) a fixação fácil da regra pelo frisante e agradável do exemplo; b) o enriquecimento do espírito da mocidade com o legado venerável da boa e velha linguagem contida nos prolóquios populares; c) a influência salutar dos princípios morais, que eles contêm”*. (p. 09)

Quanto ao método expositivo, diz não ter partido a obra em pequenas outras obras e

que a classificação dos fatos segue um todo no seu conjunto. Para o autor, tais princípios podem ser considerados verdadeiramente científicos e, assim, a sistematização dos fatos se baseou em grupos ou classes. Por fim, comenta sobre a satisfação que a obra trouxe ao contemplar os programas oficiais de ensino e, ao mesmo tempo, servir de guia aos colegas de magistério.

2.3.1 – A obra: estrutura

Em relação à divisão dos conteúdos, a obra apresenta a seguinte estrutura:

- Prólogo da 1ª edição.
- Prólogo da 2ª edição.
- Prólogo da 8ª edição.
- Meia página dedicada aos autores que autorizaram as teorias do autor e meia página dedicada às explicações a respeito de programas de ensino, do professor e de abreviações utilizadas.
- Noções preliminares (englobando definições acerca do que vem a ser linguagem, palavra, vocábulo, língua, vocabulário, frase e proposição).
- Página dedicada ao tópico Gramática e sua divisão (englobando definições acerca do que vem a ser gramática, gramática geral, gramática particular, gramática histórica, gramática expositiva, gramática expositiva portuguesa, lexeologia e sintaxe).
- Capítulo denominado LEXEOLOGIA: páginas – de 21 a 78.
- Capítulo denominado MORFOLOGIA (dividido em taxonomia e etimologia): páginas - de 79 a 208.
- Capítulo denominado SINTAXE: páginas - de 209 a 393.
- Apêndice: páginas – de 395 a 415.
- Índice alfabético da matéria: páginas – de 416 a 422.
- Índice geral: páginas – de 423 a 429.

2.3.2 – Conceito de gramática

Na obra em questão, o autor apresenta o seguinte conceito de gramática:

(...) II. Gramática (gr. grama = letra) é a sistematização dos fatos da linguagem.

Obs. – “Gramática é a ciência das palavras e suas relações, ou a arte de usar as palavras com acêrto na expressão do pensamento” - é a definição de nossas edições anteriores. Aí encarávamos os dois aspectos da gramática – o especulativo e o prático, seguindo a generalidade dos competentes na matéria. A gramática, define-a Mason, é a ciência que trata do discurso ou da linguagem. E o exímio romanista Arsène Darmesteter, cuja autoridade está acima de qualquer contestação, escreve, na Introdução de seu *Cours de Grammaire Historique de la Langue Française*: “A concepção de gramática como ciência é, podemos dizê-lo, uma idéia nova nascida com a linguística moderna. Assim entendida, é a gramática de uma língua a determinação das leis naturais, que a regem em sua evolução histórica. A gramática, acrescenta êle, pode ser considerada como arte. Dêste modo a encararam os gregos e os latinos, e a Idade Média, e assim a encaram os gramáticos modernos que não se prendem à escola histórica. Da antiga Roma nos veio esta definição: A gramática é a arte de escrever e falar corretamente. Existe uma boa tradição: a gramática tem o dever de a tornar conhecida e defendê-la contra qualquer alteração. É ensinando o bom uso que ela não se contenta em ser ciência, e torna-se arte. (*Gr. historique*, págs. 6 e 9.)” (p. 17)

Depois de explanar acerca do conceito de gramática e englobar os outros conceitos a respeito de gramática geral, gramática particular, gramática histórica, gramática expositiva e gramática expositiva portuguesa, a obra de Eduardo Carlos Pereira deixa entrever uma visão eclética de gramática, conforme explicita Arival Dias Casimiro

(...) a base científica de produção gramatical de Eduardo Carlos Pereira reside na sua estratégia de reunir;

ecléticamente, teorias linguísticas com eficiente método de ensino (pág. 6) (...) A Gramática Expositiva é eclética, pois não cria uma ruptura, uma continuidade ou descontinuidade com a gramática tradicional, mas busca conciliar velhas e novas concepções linguísticas da época, com objetivos pragmáticos. (pág. 93)

2.3.3 – As partes da gramática

Em relação às partes da gramática, temos:

Nas Noções preliminares encontramos, de forma numerada, as seguintes definições:

(...)

1. *Linguagem é a expressão do pensamento por meio de palavras.*
2. *A palavra pode ser falada ou escrita: daí a linguagem falada ou glótica, e a linguagem escrita ou gráfica. A estas, por analogia, agrega-se a linguagem gesticulada, mímica ou de ação, constituída pelos gestos ou vários movimentos do corpo, de que se servem os mudos e, em parte, os oradores para darem vida ao discurso.*
3. *Palavra é um som oral ou combinação de sons orais, que exprime a idéia de alguma coisa, como: pé, rosa, amar, justiça, belo, ser, é.*
4. *Distinguem-se, na palavra: a) a forma material – o som ou a letra e b) a idéia o significação. Donde dois aspectos da palavra – o vocábulo e o termo.*
5. *Vocábulo ou DIÇÃO é a palavra em relação à forma material, e termo em relação à idéia.*
6. *Língua é um sistema natural de palavras de que se servem os agrupamentos de homens para entre si comunicarem seus pensamentos.*
7. *Vocabulário ou LÉXICO de uma língua é a lista de seus*

vocábulos ou dições. Esta lista chama-se especialmente DICIONÁRIO OU LÉXICON, quando as palavras ou dições, dispostas em ordem alfabética, vêm acompanhadas da explicação de seu sentido.

Obs. - A língua pode ser – viva, morta ou extinta. Viva, quando falada por algum povo, como o português, o francês etc.; morta, quando não mais falada por povo algum, e só conhecida por documentos escritos, como o latim, etc.; extinta, quando dela não existe, sequer, um documento.

- 8. As palavras, expressão das idéias, combinam-se para formar a frase, expressão do pensamento.*
- 9. Frase é a combinação de palavras, que exprime um pensamento, é o elemento fundamental da linguagem. A frase pode ser a expressão completa ou incompleta do pensamento: a flor do jardim – é uma frase ou expressão de sentido incompleto; a flor do jardim é bela, de sentido completo. Esta última constitui o que se chama proposição ou oração.*
- 10. Proposição é a frase de sentido completo, que contém a declaração de alguma coisa, p. ex.: O sol ilumina a terra com luz extremamente viva. (p. 15)*

2.3.3.1 – Lexeologia

Capítulo denominado LEXEOLOGIA:

Inicia-o pela seguinte denominação: é o estudo das palavras isoladas e, em seguida, define o termo do seguinte modo:

(...)

21- Lexeologia (gr. Llexis = palavra, logos = tratado) encara as palavras isoladamente em seus dois elementos fundamentais: em sua parte material que são os sons ou as letras, conforme se trata da palavra falada ou escrita, e em sua

idéia ou significação. Por isso divide-se o estudo da Lexeologia em duas partes, a saber: 1. Fonologia. - 2. Morfologia (p. 21)

Conforme indicam Fávero e Molina (op. cit.: p. 140), o termo Lexeologia também poderia ser escrito como Lexicologia, uma vez que não havia uma normatização a respeito do emprego dos termos. Na gramática de Pacheco da Silva e Lameira Andrade¹⁶ as duas formas são utilizadas, fato que não acontece na obra de Eduardo Carlos Pereira.

Embora o autor tenha dito que a Lexeologia se divide em Fonologia e Morfologia, na parte correspondente à Fonologia, encontramos o conceito de Fonética - “*é o estudo dos sons orais ou articulados considerados em si isoladamente. Divide-se em fisiológica e histórica*” (p. 21). No decorrer do texto, o autor comenta da grande confusão promovida por outros gramáticos a respeito do número de ditongos orais existente na língua. Indica, quantitativamente, o número levantado pelos outros autores e comenta “*sendo ditongo a prolação monossilábica de duas vozes, dificilmente poderão achar mais de 8 ou 11 no Brasil*” (p. 28). Um ponto bem interessante no texto de Eduardo Carlos Pereira é o aparecimento de pequenos exercícios, a partir de modelos, denominados de analíticos, no final de cada bloco de conteúdos. Vejamos

(...) Modelo de análise fonética

Pautar

P | consonância labial, explosiva forte, homorgânica de b.

A | voz oral surda, prepositiva do ditongo au.

U | voz oral surda, subjuntiva do ditongo au.

T | consonância lingual-dental, explosiva forte, homorgânica de d.

A | voz oral aberta, tônica.

R | consonância lingual-dental, constricta branda. (p. 36)

Após o modelo de análise fonética, o autor propõe a feitura de exercícios aos moldes do exemplo realizado por ele na palavra PAUTAR.

16. *Grammatica da Lingua Portugueza* – 1894, 2ª edição, de Manuel Pacheco da Silva Júnior e Boaventura Plácido Lameira de Andrade.

EXERCÍCIO ANALÍTICO

Filosofia – Adaptação – Gratuito – Iguais – Bem-aventurado – Âmagô – Mercê – Amnésia – Sintaxe – Zootecnia – Européia – Riu – Moinho – Sério – Várzea – Guitarra – Anexo. (p. 37)

2.3.3.2 – Morfologia

Capítulo denominado MORFOLOGIA

Inicia-o vinculando morfologia a uma parte da lexeologia e, em seguida, caracterizando o termo como o “*estudo da palavra em sua base imaterial, isto é, em sua idéia ou significação*” (p. 79). Antes de dividir o capítulo em estudos marcados pela Taxeonomia e pela Etimologia, o autor diz que a Morfologia é, também, o estudo das

(...) 102. “formas significantes, que a palavra assume para indicar a categoria e as variações ou acidentes da idéia por ela expressada (p. 79)”.

Segundo Arival Dias Casimiro,

(...) ao dividir a morfologia apenas em taxeonomia e etimologia, incluindo o estudo das flexões na taxeonomia, E.C. Pereira discorda dos seus contemporâneos que defendiam uma tríplice divisão: Júlio Ribeiro (taxeonomia, kampenomia ou ptoseonomia e etimologia) e Pacheco da Silva Junior e Lameira de Andrade (elementos morfológicos, flexão e etimologia). (p. 128-9)

Ponto relevante é o fato de o autor romper com a visão tradicional de divisão gramatical, ou seja, a estrutura bipartite de uma gramática – lexeologia e sintaxe – se

distancia da estrutura gramatical filosófica (divisão pautada em quatro partes: Orthoepia, Orthografia, Etymologia e Syntaxe, caso por exemplo de J. Soares Barbosa). Assim, conforme ensinam Fávero & Molina,

(...) a divisão binária dos estudos da linguagem imprimia uma inovação importante em relação aos demais, embora constituísse uma herança do modelo gramatical renascentista (op. cit.: 136-7).

Todavia, ao dividir as palavras em oito classes ou categorias – substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição -, Eduardo Carlos Pereira revela o seu apego à gramática de base filosófica.

Outro ponto significativo na parte correspondente à morfologia é o fato de o autor apresentar a terminologia REGRA – total de 13: 9 para os substantivos (mesmo não usando o termo, percebe-se serem os simples) e 4 para os substantivos compostos - para a categoria dos substantivos (no ponto correspondente à flexão de número). Nas demais classes, tal terminologia não foi encontrada. Isso talvez se deva ao fato de a flexão de número sempre ter sido vista como um ponto de complexidade no estudo dos substantivos (fato comum até hoje). Vejamos:

(...)

REGRAS PARA A FORMAÇÃO DO PLURAL

Quarta regra. - Os nomes terminados em el, e os em il átono, mudam estas desinências em eis: papel – papéis, fósfil – fósseis.

Exceção: Mel faz meles ou méis. (p. 91)

REGRAS DOS SUBSTANTIVOS COMPOSTOS

Quarta regra. - Os compostos de dois substantivos ligados pela preposição de recebem a flexão do plural só no primeiro elemento. Exemplos:

| | | | |
|-------------------------|--------------------------|--|------------|
| <i>pé-de-galinha</i> | <i>pés-de-galinha</i> | | |
| <i>pão-de-ló</i> | <i>pães-de-ló</i> | | |
| <i>cabo-de-esquadra</i> | <i>cabos-de-esquadra</i> | | <i>pé-</i> |
| <i>de-vento</i> | <i>pés-de-vento</i> | | |
| <i>ôlho-de-boi</i> | <i>olhos-de-boi</i> | | <i>pé-</i> |
| <i>de-boi</i> | <i>pés-de-boi</i> | | |
| <i>mestre-de-obra</i> | <i>mestres-de obra</i> | | |
| <i>chefe-de-seção</i> | <i>chefes-de-seção</i> | | (p. 94) |

Por fim, como já mencionado, no final capítulo temos a proposta de um exercício analítico a partir de um modelo desenvolvido pelo autor – os exercícios correspondem à taxonomia e à etimologia. A título de exemplo, transcreverei apenas um fragmento do exercício modelo e um fragmento do exercício analítico da parte correspondente à taxonomia. Notemos:

(...) Modelo de análise taxonômica

Pelos frutos se conhece a árvore, porquanto não colhem os homens uvas dos espinhos, nem figos dos abrolhos.

PELOS | Contração da preposição per com o artigo definido, masculino, plural os.

Homônimo (homógrafo): pêlo, substantivo.

EXERCÍCIO ANALÍTICO

Filho és, e pai serás; assim como fizeres, assim acharás. - Quem não cansa, alcança. - Sofra-se quem penas tem, que atrás do tempo, tempo vem. - Com o bom sol se estende o caracol. - O hábito não faz o monge. (p. 179-180)

2.3.3.3 – Sintaxe

Capítulo denominado SINTAXE

Inicia o capítulo apresentando-o do seguinte modo: ESTUDO DAS PALAVRAS COMBINADAS e, na sequência, denominado o texto de PRELIMINARES. Feito isso, divide o capítulo em quatro partes e define o vocábulo sintaxe.

*(...) 347. O estudo das palavras como expressão das idéias foi o objeto da primeira parte da Gramática, chamada **Lexeologia**; o estudo das palavras combinadas para a expressão do pensamento é o objeto desta segunda parte, denominada **Sintaxe**. (p. 211)*

*359. **Sintaxe** (gr. Syn = com + taxis = arranjo = construção ou combinação) é o estudo da frase, isto é, da proposição e do período gramatical, bem como das relações dos seus respectivos membros. Entra ainda no quadro sintático o estudo subsidiário de certas funções das categorias gramaticais, e da pontuação, que discrimina e clareia o sentido da frase.*

360. Pode-se dividir o estudo da sintaxe em quatro partes:

- I) DA PROPOSIÇÃO E SEUS MEMBROS.*
- II) DO PERÍODO GRAMATICAL.*
- III) DAS PARTICULARIDADES SINTÁTICAS SÔBRE AS CATEGORIAS GRAMATICAIAS.*
- IV) DA PONTUAÇÃO. (p. 213-4)*

Após a parte correspondente à divisão da sintaxe, cria uma intrigante observação para dizer que, por serem os fatos sintáticos de grande mobilidade, fica muito difícil traçar uma ordem sistemática. Pauta-se em Darmesteter¹⁷ para tal explicação e faz pequenas

17. Arsène Darmesteter (1849 – 1888) foi professor de literatura francesa e de história da língua francesa na Faculdade de Letras de Paris. Produziu um estudo gramatical que relacionava descrição e método para o

críticas a outros gramáticos. Vejamos:

(...) *Obs.* - Os fatos sintáticos são extremamente móveis, e difícil é, como nota Darmesteter, traçar em seu estudo uma ordem rigorosamente sistemática. A divisão em três partes – sintaxe de concordância, regência e colocação (S. Barbosa, Bento de Oliveira, Monteiro Leite), é deficiente. A divisão em duas partes – sintaxe léxica e lógica (Júlio Ribeiro, Leopoldo da Silva), é defeituosa, visto como todos os fenômenos sintáticos, quer referentes à palavra (léxico), quer referentes à proposição, têm o mesmo caráter lógico ou relacional. A de Ayer, seguida pelo Dr. A. G. R. De Vasconcelos, em sintaxe da proposição simples e sintaxe da proposição composta, não nos parece suficientemente discriminativa. Melhor se nos afigura a divisão em sintaxe de palavras e sintaxe de proposição (Brachet e Dessouchet, Dr. A. Freire, João Ribeiro, Pacheco Júnior e Lameira de Andrade). Tal divisão, porém, é mais teórica do que prática no ensino da matéria. (p. 214)

A definição dada por Eduardo Carlos Pereira revela que o autor ainda é coadunável ao modelo de definição sintática predominante nos partidários da gramática filosófica, uma vez que, na sequência de seu capítulo, encontramos os termos proposição, oração e sentença como sinônimos e a preferência do autor pelo termo proposição, além de dividi-la em três partes, a saber: Sujeito, Predicado e Complemento. Partição semelhante a autores como Antônio de Moraes Silva – *Epitome da Grammatica Portuguesa, de 1802*, em que a oração apresenta sujeito, atributo e verbo; Jerônimo Soares Barbosa – *Grammatica Philosophica, de 1803*. Para o autor, a oração apresenta sujeito, atributo e verbo. Augusto Freire da Silva – *Grammatica Portuguesa, de 1879*¹⁸: a oração apresenta sujeito, verbo e

ensino da língua francesa. Exerceu forte influência em Eduardo Carlos Pereira, visto que são muitas as referências a Darmesteter feitas por ele.

18. Segundo Fávero & Molina (op. cit.: p. 101), “embora a página de rosto da obra de 1906 informe que ele recebeu um prêmio em 1877, momento de sua 2ª edição, constatamos que Leite de Vasconcellos (Opúsculos IV, 1929:893) traz o ano de 1879 como o de sua publicação”.

atributo.

Por fim, como já mencionado, no final capítulo temos a proposta de exercícios a partir de um modelo desenvolvido pelo autor¹⁹. Estão assim estruturados: Modelos: Análise das relações sintáticas, Análise sintática dos membros da proposição e Exercícios Analíticos. A título de exemplo, a seguir temos um exemplo de modelo de análise. Notemos:

(...) ANÁLISE DAS RELAÇÕES SINTÁTICAS

As filhas do Mondego a morte escura

Longo tempo chorando memoraram (C.)

*As / Relação atributiva para com o substantivo –
filhas: coordenação por concordância.*

*Filhas / Relação subjetiva para com o predicado –
memoraram: coordenação.*

*De / Conectivo, relaciona o seu termo conseqüente
– Mondego com o seu termo antecedente – filhas,
indicando uma relação de subordinação.*

ANÁLISE SINTÁTICA DOS MEMBROS DA PROPOSIÇÃO

As filhas do Mondego a morte escura

Longo tempo chorando memoraram (C.)

*1.º) Sujeito: As filhas do Mondego; simples, complexo,
lógico ou total, agente, 3.ª pessoa plural; suj. gramatical:
filhas, ordem direta.*

*2.º) Predicado: morte escura longo tempo chorando
memoraram; complexo, total ou lógico; pred. gram.:
memoraram.*

EXERCÍCIOS ANALÍTICOS

19. Vale ressaltar que a prática de exercícios ao final de cada assunto e no final de cada capítulo é uma recorrência na obra de Eduardo Carlos Pereira.

Mas o que aí narram as Histórias não faz ao nosso propósito (A.C) – Pelos eirados e miradouros... viam-se olhar, gesticular, correr, sumir-se, aparecer de novo, centenares de cavaleiros (Id.) (p. 278-9)

2.3.4 – Partes finais

Apêndice

Ao apêndice coube a noção de estilística. Detalhe interessante é que Eduardo Carlos Pereira define Estilística como a sintaxe literária de base retórica e seu objeto de estudo é o estilo. Na sequência, define Estilo - “*é o modo peculiar de dar cada escritor expressão a seus pensamentos*” (p. 395) - e busca sua significação no latim: “*do latim stylus ou stilus – na antigüidade o ponteiro de ferro ou estilete que, aquecido, servia para se escrever em tabuinhas enceradas*” (p. 395). Indica três divisões quando faz a classificação do termo: matéria, forma e história. Depois de caracterizados, Eduardo Carlos Pereira cria um subcapítulo denominado “FORMAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DO ESTILO” e apresenta as estruturas e as conceituações a respeito de: composição literária (prosa: narração, descrição, dissertação e cartas. Poesia: classificação dos versos, métrica e rimas). O que vale destacar é o fato de que, ao deixar para o apêndice as estruturas que correspondem ao tratamento estilístico da língua, ou seja, a língua na sua manifestação afetiva, podemos notar que essa partição, com o passar dos tempos, parece ter sido uma recorrência em gramáticas vindouras. Tanto é verdade que ainda encontramos situação semelhante à de Eduardo Carlos Pereira em gramáticos mais modernos – caso por exemplo de Evanildo Bechara – *Gramática Escolar da Língua Portuguesa (2004)*. Em sua gramática, na parte 7, denominada “*Para além da gramática*”, encontramos as noções de estilística e de versificação, além de interpretação de textos (narração, descrição e dissertação).

2.4 – Jerônimo Soares Barbosa – *Grammatica Philosophica*²⁰

Jerônimo Soares Barbosa era natural de Ansião, onde nasceu em 1737. Estudou no seminário de Coimbra e em 1762 foi ordenado presbítero. Recebeu o grau de Bacharel em Direito Canônico na Universidade de Coimbra em 1768. Toda a sua vida estava ligada ao ensino, pois de 1766 a 1790 exerceu a docência de retórica e poética no Colégio das Artes. Foi nomeado sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa em 1789 e em 1792 designado inspetor de ensino primário na circunscrição escolar de Coimbra. Um ano depois encarregou-se de promover e dirigir as edições de autores clássicos para uso das escolas. Foi nomeado vogal²¹ da Junta da Diretoria Geral dos Estudos na Universidade de Coimbra em 1799. Os seus contributos mais importantes neste terreno foram a *Escola popular das primeiras letras* (1796), gramática elementar do português destinada à alfabetização nesta língua, acompanhada cada lição de instruções para os mestres, vem depois a sua obra fundamental, a *Grammática philosophica da lingua portugueza ou Principios da grammatica Geral applicados á nossa linguagem*, cuja introdução está datada em Coimbra a 24 de Junho de 1803, mas que não foi publicada pela Academia até 1822 e *As duas línguas* (1807), uma gramática filosófica comparada do latim e do português. Inclui nela apenas a “Etimologia” e a “Sintaxe”, as partes “lógicas” da língua. Soares Barbosa foi também tradutor de Quintiliano e Horácio para português.

Segundo Fávero (artigo publicado para o *Encontro de Centros de Estudos Portugueses do Brasil [1: 1993: São Paulo]*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001 - *A atualidade da Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa de Jerônimo Soares Barbosa*), a obra de Soares Barbosa “*insere-se no movimento de renovação pombalina*” (p. 695), vinculando-se à reformulação do ensino promovida por Pombal. Nas páginas dispensadas à introdução, Soares Barbosa inicia seu texto já conceituando gramática como sinônimo de literatura e como “*outra coisa senão a sciencia dos caractéres*”. Na sequência de sua introdução, percebe-se que, assim como muitos outros ilustrados, Soares Barbosa propõe que o ensino de gramática da própria língua seja dado anteriormente ao ensino da gramática latina, pois os alunos já teriam a prática da língua materna. Em relação

20. A respeito dos dados biográficos de Soares Barbosa, servi-me do artigo “*Gramática e teorização linguística em Portugal: a Gramática Filosófica de Jerônimo Soares Barbosa*” escrito por Manuel Amor Couto - publicado na Revista Galega de Filoloxia, Universidade de Santiago de Compostela, 2004.

21. Juiz de fato. Aquele que representa empregados ou empregadores nas juntas de conciliação e julgamento; eleito pelo órgão de classe e nomeado pelo presidente do respectivo tribunal regional.

a essa visão de Soares Barbosa, Fávero diz que “apesar de esta maneira de ver não ser original, enfatiza que os que o antecederam não conseguiram tornar o aprendizado mais fácil porque seguiam um método “errado” que consistia em moldar a gramática portuguesa pela latina”. (id., ibid., p. 696)

Notamos, também, que Soares Barbosa diferencia o uso da fala – no caso, própria dos seres humanos – da ciência da linguagem – no caso, competência dos gramáticos. Além disso, ao considerar a gramática como arte e ao gramático a função de ordená-la, classificá-la e relacioná-la, revela não apenas a postura do espírito da época, busca do rigor científico, mas, como nos ensina Fávero, “ruptura em relação às gramáticas anteriores, meros sistemas analógicos” (id., ibid., p. 696). Em síntese, quatro são os parâmetros para sua ideia evolutiva da língua. Um primeiro estado foi o da representação pictográfica, considerada pelo nosso autor como método sumamente imperfeito e primitivo.

O segundo estado foi a representação hieroglífica dos egípcios, originado numa estilização do sistema pictográfico em que debuxos com valor simbólico serviram como significante de uma ou várias coisas. O terceiro sistema de representação foi o ideográfico, conhecido na Europa através das informações que se tinham da cultura chinesa. O quarto estado é julgado como o mais perfeito e evoluído e corresponde com o sistema alfabético.

Por fim, percebe-se que a introdução permite, ainda, notar as pretensões lógicas da gramática a partir de dois grandes objetivos: entendimento a respeito do que é a linguagem e a norma prescritiva. Segundo Fávero,

(...) *A Grammatica Philosphaica apresenta dois objetivos:*

1º – elucidação teórica sobre a origem, natureza e essência da linguagem: deve explicar os fatos com a universalidade da razão: isto é, explicativa, o que lhe advém do fato de ser “razoada”.

(...)

2º – instituição da norma prescritiva, atendendo a interesses político, cultural e ideológico. Soares Barbosa era um homem de sua época: viveu como um religioso que deveria cumprir as tarefas próprias do clero português no século XVIII. (id., ibid., p. 696-7)

2.4.1 – A obra: estrutura

Em relação à divisão dos conteúdos, a obra apresenta a seguinte estrutura:

- Introdução.
- Página inteira reservada à definição de Gramática e suas partes: ortoépia, ortografia, etimologia e sintaxe.
- Livro I – da ortoépia ou boa pronúncia da língua portuguesa. Apresenta 8 capítulos: páginas – de 2 a 35.
- Livro II – da ortografia ou boa escritura da língua portuguesa. Apresenta 4 capítulos: páginas – de 41 a 65.
- Livro III – da etimologia ou partes da oração portuguesa. Apresenta 6 capítulos: páginas – de 70 a 248.
- Livro IV – da sintaxe e construção. Apresenta 6 capítulos: páginas – de 255 a 306.

2.4.2 – Conceito de gramática

Na obra em questão, o autor apresenta o seguinte conceito de gramática:

(...) Grammatica é arte de fallar e escrever correctamente a propria língua. A Lingua compõe-se de orações, as orações de palavras, as palavras dos sons articulados, e tudo isto se figura aos olhos e se fixa por meio da escriptura. D'aqui as quatro partes naturaes da Grammatica, a saber:

A Orthoepia, que ensina a distinguir e a conhecer os sons articulados, proprios da lingua, para bem os pronunciar;

A Orthographia, que ensina os signaes litteraes, adoptados pelo uso, para bem os representar;

A Etymologia, que ensina as especies de palavras que entram na composição de qualquer oração, e a analogia de suas variações e propriedades geraes;

A Syntaxe, finalmente, que ensina a coordenar estas palavras e a dispol-as no discurso de modo que façam um

sentido ao mesmo tempo distincto e ligado: quatro partes da Gramatica Portuguesa que farão a materia dos quatro livros d'esta obra. (p. 01)

2.4.3 – As partes da gramática

Em relação às partes da gramática, temos:

Livro I – da ortoépia ou boa pronúncia da língua portuguesa.

Inicia o livro I dizendo que a pronúncia se sustenta na base da boa articulação dos sons, pois eles são fundamentais e podem ser divididos em simples – um som elementar - e compostos – ditongos e sílabas. No livro 1, encontraremos especificações detalhadas a respeito de vozes e consonâncias (chamadas de sons) e vogais e consoantes (caracterizadas de letras do alfabeto), criando, para isso, quadros esquemáticos, chamados de tábuas – “Taboa ou teclado das vinte e uma consonancias da lingua portugueza. Cinco labiaes e dezeseis linguaes”

Em seguida, divide o Livro I em oito capítulos – **“capítulo I: das vozes portuguezas”**. Define vozes como possibilidades de diferentes articulações e modificações do som e as diferencia de vogais, pois estas seriam, na escrita, as letras.

Apresenta 20 vozes: 12 orais e oito nasais (claras e surdas); **“capítulo II: das consonancias portuguezas”**. Define consonâncias de modo semelhante à definição de vozes, porém alerta que gramáticos modernos preferem a denominação de articulações; **“capítulo III: dos sons compostos só de vozes ou diphthongos da lingua portugueza”**. Define sons compostos como a reunião de vozes e consonâncias e apresenta os termos “diphthongos” e “syllabas”. Porém, a definição e a caracterização das sílabas somente será feita no capítulo seguinte; **“capítulo IV: dos sons compostos de vozes e de consonancias ou das syllabas da lingua portugueza”**. Define sílaba como a compreensão oriunda da reunião de uma ou mais consonâncias e em seguida detalha o assunto; **“capítulo V: dos vocabulos da lingua portuguesa e das alterações**

que soffrem na pronunciação". No capítulo V, encontraremos a definição de vocábulo - "composto de sons ou de syllabas" e as seguintes partições: monossílabos, dissílabos, trissílabos e polissílabos; **"capítulo VI: das modificações prosodicas acrescentadas aos vocabulos, e 1º das que nascem da quantidade"**.

Assim, como os capítulos vindouros, o sexto é um dos mais longos. É o capítulo que discutirá os aspectos ligados à tonicidade dos vocábulos e à apresentação de regras – total de seis - para tal caracterização; **"capítulo VII: das modificações prosodicas acrescentadas aos vocábulos e 2º das que nascem do accento"**. Define acento como "canto acrescentado á palavra, ou tom" (p. 28), remonta aos gregos e aos romanos para explicar que a marcação, na escrita, do acento "era uma pequena lingua vertical lançada da direita para a esquerda sobre a vogal d'este modo (')" (p. 28). Na sequência, faz a ampliação do assunto explicando a divisão existente no acentos, como por exemplo, grave, agudo, de aspiração e apresenta regras para tal estruturação; **"capítulo VIII: dos vicios da pronunciação"**. O capítulo trata dos aspectos da pronunciação e suas diferenças regionais. Soares Barbosa aponta para a necessidade de correção de pronúncia dos outros territórios a partir da pronúncia da corte. Os vícios estariam ligados à diminuição, ao acréscimo ou à transposição de sons que constituem o vocábulo. Encontramos referência à pronúncia dos brasileiros *"pronunciam como z o s liquido, quando se acha sem voz diante, ou no meio, ou no fim do vocabulo"* (p. 37). Destaca-se a atualidade do autor no capítulo em questão, pois temos um estudo a respeito da fala.

Finaliza o Livro I, dedicado à ortoépia, dizendo que a representação por meio de "caractères litteraes" é assunto correspondente à ortografia. Portanto, definindo e caracterizando os capítulos, seus esforços recaem sobre a parte estritamente mecânica da língua.

Livro II – da ortografia ou boa escritura da língua portuguesa

Inicia o livro II definindo ortografia como *"a arte de escrever certo, isto é, de representar exactamente aos olhos por meio de caractères litteraes do alphabeto nacional, os sons nem mais nem menos de qualquer vocabulo, e na mesma ordem com que se pronunciam ao uso vivo da Lingua"* (p. 40). A inexistência de uma ortografia regular e de aceitação plena por todos faz com que o autor apresente a seguinte estruturação para a

ortografia: pode ser “etimológica”, “«usual” e “de pronúnciação”; esta última representando uma revolução no que tange à reforma ortográfica. Segundo Manuel Amor Couto, “coincidente em muitos pontos com a de Verney”²².

Na sequência do Livro II, encontraremos quatro capítulos destinados às regras de escrita das palavras. As regras perfazem tópicos como: quantidade de letras, uso dos nomes próprios e comuns, acentuação, uso dos caracteres gregos e latinos e pontuação. Ponto importante diz respeito à pontuação: revela forte divisão do discurso em partes menores e seu sistema se revela muito bem organizado:

(...) As primeiras subdivisões parciais das orações , ou juízos que fazem parte de outros, são marcadas pelas vírgulas, que é a pontuação mais fraca e inferior.

A segunda divisão do período em membros ou proposições totais, que contém em si as primeiras subdivisões parciais, é marcada com ponto e vírgula.

E a divisão mestra, ou principal das duas partes de qualquer período, antecedente e conseqüente, que compreendem em si todas as outras subdivisões subalternas, é marcada com dois pontos. (1881: 64)

Livro III – da etimologia ou partes da oração portuguesa

Inicia o livro III definindo Etimologia como a primeira das duas partes lógicas ou racionais da linguagem. Em seguida, inicia o seu estudo dividindo o livro em seis capítulos e cada capítulo constituído de pelo menos dois artigos (funcionam como subcapítulos). As classes de palavras são concebidas a partir de critérios primeiramente semânticos e secundariamente formais e funcionais.

No capítulo I: “divisão geral das palavras e em especial das interjectivas”, encontraremos o estudo das palavras denominadas “interjectivas” ; **no capítulo II: “do**

22. Manuel Amor Couto - “Gramática e teorização linguística em Portugal: a Gramática Filosófica de Jerónimo Soares Barbosa” - artigo publicado na Revista Galega de Filoloxia, Universidade de Santiago de Compostela, 2004.

nome substantivo”, encontraremos o estudo dos substantivos e algumas regras (por exemplo, no que diz respeito ao gênero); **no capítulo III: “do nome adjetivo**”, encontraremos o estudo dos adjetivos; **capítulo IV: “do verbo**”, encontraremos o estudo dos verbos; **no capítulo V: “da preposição**”, encontraremos o estudo das preposições; **no capítulo VI: “da conjunção**”, encontraremos o estudo das conjunções.

Um ponto interessante, entre outros, aparece no capítulo destinado aos verbos. Diz que os verbos auxiliares servem de apoio aos verbos substantivos, ou seja, em estruturas como: ser estudante, sou estudante, for estudante, perceberíamos que tais verbos atuariam como possíveis determinantes nesses casos, pois o próprio verbo *estudar* encerraria a ideia de estudante: *estudar = ser estudante*, contribuindo na correlação de uma ideia com outra e, assim, exprimindo diferentes modos de existência. Na sequência, apresenta três tipos de verbos: os substantivos, os auxiliares e os adjetivos.

Livro IV – da sintaxe e construção

Inicia o livro IV definindo Sintaxe:

(...) Syntaxe quer dizer coordenação; e chama-se assim esta parte da Grammatica, que das palavras separadas ensina a formar e compor uma oração, ordenando-as segundo as relações ou de conveniencia ou de determinação (...) é uma ordem systematica das palavras, fundada nas relações das coisas que ellas significam, e a construção uma ordem local auctorisa pelo uso nas linguas. Assim, a construcção póde ser ou direita ou invertida, e ter comtudo a mesma syntaxe. N’estas duas orações: Alexandre venceu a Dario, e a Dario venceu Alexandre, as construcções são contrarias, porém a syntaxe é a mesma. (p. 254)

Em seguida, inicia o seu estudo dividindo o livro em seis capítulos e cada capítulo constituído de pelo menos dois artigos (funcionam como subcapítulos). **No capítulo I: “da oração em geral**”, encontraremos a definição de oração como sinônimo de proposição ou frase e como qualquer juízo do entendimento e, além disso, a tripartição da oração em três termos: sujeito, atributo e verbo; **no capítulo II: “sintaxe de concordancia**”,

encontraremos a definição pautada na ideia de conformidade entre as palavras. Ponto importante, é relação de que para existir conformidade teremos que encontrar a identidade, ou seja, a relação entre o sujeito e seu atributo (o que hoje entenderíamos como complemento). Na sequência, estabelece regras que fundamentam a sintaxe de concordância; **no capítulo III: “sintaxe de regencia”**, encontraremos o estudo da determinação entre as ideias; **no capítulo IV: “da construção direta da oração portuguesa”**, encontraremos o estudo do que hoje vemos como sintaxe de construção.

Soares Barbosa diferencia *syntaxe* de *construção* e em seguida é categórico ao dizer que são duas as possibilidades: direta e invertida; **no capítulo V: “da construção invertida da oração portuguesa”**, encontraremos o estudo das possibilidades de colocação dos termos na oração. Apresenta a ideia de anástrofe e hipérbato. Para tanto, diz que os gregos diferenciavam um do outro, o que não é comum entre os gramáticos de seu tempo, pois preferem a ideia de hipérbato; **no capítulo IV: “aplicação dos princípios d’ esta grammatica ás duas primeiras estanças do canto I dos Lusíadas de Camões”**, encontraremos a teoria gramatical aplicada a análises (geral: seria a investigação dos períodos; particular: a investigação detalhada dos termos que compõem o período escolhido).

2.4.4 – Partes finais

Em relação ao apêndice:

Na obra em questão não há o apêndice.

Capítulo III – Gramática Metódica da Língua Portuguesa - Napoleão Mendes de Almeida

3.1 – Aspectos iniciais

A Gramática Metódica de NMA, neste momento, considerando os limites de um trabalho desta natureza, será sucintamente analisada e descrita a fim de percebermos a ideia que sustenta a monografia aqui presente: ruptura e tradição, ou seja, a obra do autor reside em uma ruptura²³ ao reunir às bases gramaticais a preocupação com o método e com o ensino em um modelo de estrutura herdado da tradição gramatical:

(...) todas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as categorias gramaticais, encerram grave erro de método (...) chamo aqui a atenção para os títulos que encabeçam todas as páginas de minha gramática; a simples leitura de qualquer desses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes artes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante.

Reconhecendo, outrossim, de grande utilidade para um livro didático, elaboramos um índice alfabético e analítico. Não é preciso dizer do trabalho que isso nos deu; tudo fizemos para que nossa gramática viesse a animar, o mais possível, a herança que nossos avós nos legaram, estimular o escrupuloso estudo do idioma de nossa terra e estreitar o elo de nacionalidade que a todos nos cinge. (p. 13-4)

23. A ruptura a ser utilizada como referência no presente trabalho será denominada ruptura metódico-analítica, ou seja, ruptura que tem por base a readequação dos conteúdos gramaticais, vistos em gramáticas pré-Napoleão, com objetivos didáticos-pedagógicos e com ampliação das análises gramaticais apresentadas.

Napoleão Mendes de Almeida foi (e muitas pessoas ainda o consideram assim) um dos mais importantes gramáticos e filólogos da Língua Portuguesa do século XX. Ganhou notoriedade a partir de suas colunas no jornal *O Estado de São Paulo*. Expressava suas opiniões acerca do uso correto da língua. Por mais de 45 anos foi colunista do jornal, escrevendo a respeito das normas gramaticais e ortográficas da língua vernácula - o termo vernácula remete ao título da coluna escrita por Napoleão no jornal *O Estado de São Paulo*: “Questões Vernáculas”.

NMA fez com que a sua *Gramática Metódica*, na sequência de suas publicações, fosse vista como modelo de gramática normativa e ele um modelo de purista, criando, em torno de si e de sua obra a seguinte visão: para os linguístas é o modelo de uma tradição ortodoxa e conservadora e de base preconceituosa no que diz respeito ao estudo da língua; para o mercado editorial, é o modelo exemplar de gramática, uma vez que “*é a gramática de mais longa vida em toda a história da literatura didática, assim brasileira como portuguesa. Com mais de quinhentos mil exemplares, demonstra, edição a edição, contínuo empenho do autor em vê-la sempre melhorada*²⁴. Em capítulos diversos, apresenta alterações que demonstram o quanto o autor zela pelo aprimoramento do ensino do vernáculo”; para o público em geral, modelo exemplar de boa gramática; e, para o trabalho aqui apresentado, um modelo de gramática empenhada na busca de um método e de tradição normativo-pedagógica, dada a sua preocupação com o ensino, ou seja, a própria ruptura criada por NMA em sua *Gramática Metódica*, ao falar das falhas de outras gramáticas, o inseriu, ao longo do tempo, de volta a um modelo de tradição gramatical e em um modelo de gramática tradicional, o que faz com que a obra confirme o seguinte fato:

(...) não podemos deixar de mencionar que, de alguma forma, a obra de Napoleão tem valor, pois ela institucionaliza a relação com a linguagem, e torna o professor sujeito-autor do conhecimento metalinguístico. Apesar de não incorporar os conhecimentos da Linguística em sua gramática, ele ajudou a viabilizar a passagem para

24. Citação retirada da apresentação da Editora Saraiva acerca da 44ª edição da Gramática Metódica, 1999. Em edições posteriores, notamos que as numerações até então utilizadas como tópicos (por exemplo, 13 – Gramática) não seguem uma ordem cronológica, pois segundo consta: as lacunas – denominadas “claros na numeração” - deixadas de uma numeração para outra servem para futuros acréscimos em edições futuras.

*o estabelecimento da Linguística, quer ele tivesse desejado ou não*²⁵

3.2 – O autor

Napoleão Mendes de Almeida nasceu no interior de São Paulo, cidade de Itaí, em 8 de janeiro de 1911. Realizou seus estudos primários nas Escolas Reunidas da própria cidade; veio para a capital e se matriculou no Liceu Sagrado Coração de Jesus. Após, frequentou o Instituto Salesiano de Pedagogia e Filosofia de Lavrinhas e a Faculdade de Direito do Largo São Francisco (USP). Lecionou Latim e Língua Portuguesa em muitas instituições de ensino da capital. Fundou o primeiro curso por correspondência do país, em 1938. Faleceu em 24 de abril de 1998.

3.2.1 – A preocupação gramatical

De todas as suas obras, a *Gramática Metódica* é a de grande notoriedade²⁶. A primeira edição é de 1943 e resume a preocupação do autor com o que havia de produção gramatical antes de sua obra

(...) todas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as categorias gramaticais, encerram grave erro de método (...) chamo aqui a atenção para os títulos que encabeçam todas as páginas de minha gramática; a simples leitura de qualquer desses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira

25. Napoleão Mendes de Almeida e a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de Patrícia Leite Di Iório e Maria Ignez Salgado de Mello Franco. In: BASTOS, Neusa Barbosa e PALMA, Dieli Vesaro (orgs), *História Entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*, RJ: Lucerna, 2006.

26. Devemos entender notoriedade a partir do que foi exposto na nota de rodapé nº 6.

palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes artes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante.

Reconhecendo, outrossim, de grande utilidade para um livro didático, elaboramos um índice alfabético e analítico.

(...)

o que é necessário é evitar o exagero, o supérfluo, o inútil. A análise sintática de palavra por palavra das que concorrem numa oração ou num período só deve ser feita ou exigida quando realmente necessária a um objetivo didático geral: estar a ensinar em aulas ou a exigir em concursos ou em provas escolares a função sintática de todos os elementos de uma expressão surrada por todos e encontradiça em qualquer bom escritor constitui exagero e inutilidade. Quando necessária ou para o ensino de casos gerais ou para confirmar uma discutida construção ou para esclarecer um erro e evitar a reincidência, é que a análise se impõe. (p.13-4)

3.3 – Concepções gramaticais: metódica, expositiva

Assim, ao nos debruçarmos sobre a *Gramática Metódica*, encontraremos estruturas gramaticais detalhadas a partir de concepções já existentes (caso, por exemplo, das encontradas na obra *Gramática Expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira). O próprio NMA anuncia, depois de conceituar gramática, que a dele é de base expositiva²⁷, o que fará com que ele aumente os detalhamentos de suas explicações (fato que em relação às produções de outros autores é visível) e revele uma forte preocupação com o caráter prático de sua obra.

27. Vale destacar que a edição utilizada aqui para a feitura do trabalho não menciona a gramática expositiva como uma possibilidade de gramática normativa. A título de exemplo, em edições futuras, como a 14ª edição, a gramática expositiva é um sinônimo de gramática normativa: “... a **gramática expositiva**, que também se chama **normativa**, **descritiva** ou **prática**, é a que vamos estudar...” (p. 24, *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, 14ª ed. 1962)

Vejamos:

NMA - GRAMÁTICA MÉTODICA

(...) 13 – *Denomina-se GRAMÁTICA a reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua.*

Da mesma maneira que a música possui sua artinha, ou seja, o conjunto de princípios, norma, ensinamentos e regras concernentes a essa arte, também as línguas possuem cada uma a sua gramática, isto é, o conjunto de todas as norma para o seu perfeito uso.

14 – *Quando tal estudo abrange, simultâneamente, diversas línguas congêneres, isto é, filiadas à mesma origem e, portanto, semelhantes, ele constitui o que se denomina GRAMÁTICA GERAL. Desta espécie é a Gramática das Línguas Românicas de Frederico Diez (pronuncie Ditz).*

15 – *Se a gramática visar apenas aos fatos de uma língua particular, ela será GRAMÁTICA PARTICULAR, que passará a chamar-se portuguesa, francesa, inglesa etc., conforme a língua particular que estudar.*

16 – *A gramática particular tem um fundo de generalidade no que concerne à lógica, mas se preocupa essencialmente dos fatos peculiares de determinada língua, estudando-lhe os fatos particulares, o método e as regras apropriadas para o seu perfeito uso.*

17 – *A gramática particular pode ocupar-se exclusivamente da origem de uma língua e dos processos de sua formação e se chamará gramática histórica.*

18 – *Se, porém, visar aos fatos atuais da língua, mostrando e ensinando as regras vigentes para o seu perfeito manuseio, sem cogitar da sua formação, ela será gramática expositiva.*

19 – *Esta última, isto é, a gramática*

expositiva, que também se chama descritiva ou prática, é a que vamos estudar com relação á nossa língua, não deixando de ver, na Etimologia (Cap. XXXII), os principais fatos operados na passagem do latim para o português.

20 – Duas são as grandes partes da gramática: a lexeologia e a sintaxe.

21 – LEXEOLOGIA (do gr. léxis, léxeos = locução, e logia = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma, quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

22 – SINTAXE (do gr. syntaxis = arranjo) é a parte que estuda a palavra não em si, mas com relação às outras que com ela se unem para exprimir o pensamento.

Se a lexeologia estuda a palavra, a sintaxe estuda a frase, quer completa quer incompleta.

23 – Daí a diferença entre análise léxica e análise sintática ou lógica.

ANALISAR LÈXICALMENTE uma palavra é considerar a palavra em si, na sua forma, acento, terminação, grafia, número de sílabas etc.

ANALISAR LÒGICAMENTE é considerar a palavra com relação às outras que se acham na mesma oração, é ver a função lógica que exerce na oração. (p. 17-8)

QUESTIONÁRIO

1 – Que é linguagem?

2 – Quantas e quais as espécies de linguagem?

3 – Que é palavra?

4 – Qual a diferença entre linguagem e língua?

5 – Que é língua viva?

6 – Que é língua morta?

7 – Que é língua extinta?

- 8 – Qual a diferença entre vocábulo e dicionário?
- 9 – Qual a diferença entre vocabulário e dicionário?
- 10 – Qual a diferença entre frase e oração? Exemplos.
- 11 – Que é gramática?
- 12 – Quantas espécies existem de gramáticas? - Definir cada espécie
- 13 – Quais as duas partes em que se divide a gramática? - Definir cada uma delas.
- 14 – Que é análise léxica?
- 15 – Que é análise lógica? (p. 18)

Eduardo Carlos Pereira - GRAMÁTICA EXPOSITIVA

11. Gramática (gr. Gramma = letra) é sistematização dos fatos da linguagem.
12. Divide-se a gramática em – geral e particular, histórica e expositiva.
13. Gramática geral é, hoje, o estudo comparado de um grupo de línguas congêneres, como a Gramática das Línguas Românicas, de F. Diez.
14. Gramática particular é o estudo dos fatos de uma língua particular, quer encarados em seu estado atual, quer em suas transformações históricas.
15. Gramática histórica é o estudo das transformações de uma língua, no tempo e no espaço, feito comparativamente com as transformações paralelas das línguas e dialetos congêneres. É um estudo histórico-comparativo.
16. Gramática expositiva, DESCRITIVA ou PRÁTICA; é a que expõe ou descreve metódicamente os fatos atuais de uma língua determinada.
17. Gramática expositiva portuguesa é a exposição metodizada das regras relativas ao uso correto da língua portuguesa.
18. Estuda a gramática a palavra sob

dois aspectos fundamentais: ISOLADAS e COMBINADAS.

Daí o dividir-se o seu estudo em duas partes, a saber:

1. LEXEOLOGIA. 2 – SINTAXE

19. Lexeologia é a parte da gramática que estuda as palavras isoladas, consideradas em si.

20. Sintaxe é a parte da gramática que estuda as palavras combinadas para a expressão do pensamento. (p. 17-8)

Nota-se que a *Gramática Metódica*, em relação à *Gramática Expositiva*, aborda, por exemplo, o conceito de sintaxe de maneira semelhante, mas com maior caracterização quando indica a etimologia do termo e sua significação, quando aponta ser a sintaxe o estudo da frase e quando diz que analisar logicamente é analisar a função da palavra na oração. Tais caracterizações não são vistas na *Gramática Expositiva*. Além disso, outro ponto significativo da *Gramática Metódica* – caracterizando a preocupação do autor com o caráter prático e didático de sua obra – é o questionário de verificação do conteúdo²⁸. Questionário que retoma detidamente todos os conteúdos apresentados pelo autor.

Se para NMA a gramática deve ser um arcabouço seguro, pois é um instrumento uno e completo, sua finalidade reside no fato de a obra poder ser vista, então, como um instrumento didático e pedagógico.

Desse ponto de vista, a metódica de NMA mantém o modelo de estrutura herdado da tradição gramatical, ou seja, a gramática e o dicionário não são vistos como simples descrições da linguagem natural, eles são concebidos também como *instrumentos lingüísticos*, assim como as outras gramáticas e dicionários do período também o eram.

Nesse sentido, mais do que a exposição dos fatos da língua, a obra de NMA não deixa de sustentar a ideia de um instrumento lingüístico e, assim, a gramática pode ser entendida como uma técnica para se ensinar a língua:

28. É uma recorrência em NMA, pois em sua gramática latina ele não apenas constrói questionários como também apresenta, em sua introdução, a informação de que o estudante deve responder ao questionário de forma metódica e atenta e apenas passar para a lição (terminologia utilizada pelo autor na obra em questão) seguinte quando tiver certeza de ter aprendido plenamente a lição anterior, pois assim a intenção do autor seria prontamente realizada e o aluno estaria detidamente preparado para a aquisição do idioma latino.

(...) chamo aqui a atenção para os títulos que encabeçam todas as páginas de minha gramática; a simples leitura de qualquer desses títulos, em qualquer das páginas, indicará, racional e minuciosamente, em que ponto da gramática se encontra o estudante. O bom aluno deve saber, quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo no folhear e revirar páginas. A primeira palavra dos títulos que encabeçam as páginas indica uma das grandes artes da gramática; a segunda denota as divisões da primeira; a terceira, as divisões da segunda, e assim por diante.

Reconhecendo, outrossim, de grande utilidade para um livro didático, elaboramos um índice alfabético e analítico. (p.13-4)

3.4 – A obra: concepção

Apresentar uma análise acerca da introdução da *Gramática Metódica* de NMA não é tarefa das mais fáceis, visto que referências textuais explícitas a possíveis concepções gramaticais e a possíveis relações com gramáticos anteriores a ele ou de seu tempo são praticamente inexistentes (temos, em página posterior à introdução, a citação de gramáticos e dicionaristas de notório saber²⁹). O que encontramos é a escrita fortemente subjetiva de um homem preocupado, quase que unicamente, com a relação língua/nacionalidade. Relação que se torna uma quando apreendemos que para NMA o efetivo aprendizado da língua deve passar por uma renovação, portanto, uma ruptura, não apenas naquilo que já está cristalizado (caso, por exemplo, entre outros, do verbete 90, tópico referente à acentuação, ao dizer que prefere não enfeixar as palavras em regras, mas agrupá-las a partir do acento que melhor convier:

29. Ricardo Cavaliere (2000) explica que a referência às possíveis fontes bibliográficas nas gramáticas da época não era uma obrigatoriedade e nem mesmo representava um costume entre os autores. Na verdade, uma preocupação mais subjetiva do autor. Assim, a impressão que se tem é que o autor da gramática tentava moldar sua obra a um certo grau de autoridade e cientificidade. Maximino Maciel, no prólogo da 2ª edição de sua obra, em 1894, comentou o seguinte: "A nossa grammatica pode não prestar, mas a orientação é inteiramente diferente do que se tem sobre grammatica portugueza, e a maior parte dos pontos, quase toda a doutrina, estão consolidados por autores de nomeada. Assim procedemos, porque a probidade scientifica aconselha citar-se um autor; desde que lhe estejamos de accordo com a opiniões attinentes a um ponto, para mostrarmos as fontes que recorreremos" (Maximino Maciel, 1916, 6ª edição).

90. *Ao invés de regras, não digo inúteis, mas supérfluas para os diversos casos de acentuação, darei para maior proveito do aluno, um rol de palavras que vão agrupadas de acordo com o acento que mais lhes convém, todas elas, para maior clareza, com o respetivo sinal diacrítico* (p. 49)

no caso, a valorização das concepções gramáticas desenvolvidas por outros eminentes estudiosos, mas no que tange ao método de explanação dos conteúdos gramaticais, que por sua vez revela o desejo do autor em apresentar uma obra efetivamente metódica, “*todas as nossas gramáticas, na ordem em que atualmente vêm expondo as categorias gramaticais, encerram grave erro de método*” (p. 13). O método é a estrutura basilar para que o aprendizado gramatical seja claro, consistente e seguro. Assim sendo, é notório o paralelo criado por NMA entre o aprendizado da língua e valorização da nacionalidade, pois a *metódica* vem a público com intuito de servir a todos os interessados em conhecer o idioma pátrio, pois “*conhecer a língua portuguesa não é privilégio de gramáticos, senão dever do brasileiro que preza sua nacionalidade. É erro de consequências imprevisíveis acreditar que só os escritores profissionais têm a obrigação de saber escrever*” (p. 14). Até aí, poderíamos dizer que a postura do autor seria extremamente justa e salutar, caso contemplasse aquilo que foi motivo de querelas e mais querelas ao longo de todas as edições de sua gramática: a valorização dos avanços promovidos pela ciência linguística. Porém, felizmente ou infelizmente – a depender do ponto de vista – é notória, e já há muito conhecida, a dicotomia que NMA estabelece entre a tradição gramatical (nos seus aspectos mais normativos e puristas) e os avanços oriundos dos estudos linguísticos, questão não refutada por ele em sua introdução.

3.4.1 – A obra: estrutura

Em relação à divisão dos conteúdos, a obra apresenta a seguinte estrutura:

- Página inteira dedicada aos autores (gramáticos e dicionaristas) citados no trabalho e às abreviaturas utilizadas.
- Programa de português (1ª série, 2ª série, 3ª série e 4ª série) – páginas: de 5 a 9.

- Prefácio – páginas: de 11 a 14.
- Noções gerais – páginas: de 15 a 18.
- Lexeologia – estudo das palavras isoladas (englobando: fonologia, morfologia: dividida em taxonomia e etimologia) – 32 capítulos: divididos em 464 tópicos, 32 questionários de verificação do conteúdo – um por capítulo. Páginas: de 19 a 348.
- Sintaxe – estudo das palavras combinadas: noções gerais, 1ª, 2ª e 3ª partes. 9 capítulos (33 ao 41), tópicos que vão do número 465 ao 617, 9 questionários de verificação do conteúdo – 1 por capítulo. Páginas: 349 – 511.
- Apêndice literário – 1 capítulo, tópicos que vão do número 618 ao 632, 1 questionário.
- Índice alfabético e analítico – páginas: 524 a 539.
- Referências à 1ª edição: elogios, dos mais diversos lugares e das mais diversas pessoas, recebidos pelo autor.

3.4.2 – Conceito de gramática

Na obra em questão, o autor apresenta o seguinte conceito de gramática:

(...) 13 – Denomina-se GRAMÁTICA a reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua.

Da mesma maneira que a música possui sua artinha, ou seja, o conjunto de princípios, norma, ensinamentos e regras concernentes a essa arte, também as línguas possuem cada uma a sua gramática, isto é, o conjunto de todas as normas para o seu perfeito uso. (p.17)

Em seu trabalho de mestrado, Juliana Marítimo Borges diz que “*convém lembrar que o conceito de gramática em sua perspectiva é a mesma apresentada por Júlio Ribeiro, na obra Grammatica Portugueza (1913. p.1): exposição metódica dos fatos da linguagem. Isso aponta o vínculo do autor com nossa tradição gramatical*” (p. 47). Todavia, o conceito não é o mesmo, pois NMA diz “*reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua*”. Ou seja, só poderíamos afirmar que o conceito é o mesmo se tratássemos linguagem e língua como vocábulos de mesma significação, o que sabemos não ser

verdade. Assim, se observarmos o que NMA diz quando amplia a conceituação sobre gramática, perceberemos que o conceito está concatenado com aquilo que o autor diz ser o seu objeto de atenção

(...) 18 – *Se, porém, visar aos fatos atuais da língua, mostrando e ensinando as regras vigentes para o seu perfeito manuseio, sem cogitar da sua formação, ela será gramática expositiva.*

19 – *Esta última, isto é, a gramática expositiva, que também se chama descritiva ou prática, é a que vamos estudar com relação á nossa língua, não deixando de ver, na Etimologia (Cap. XXXII), os principais fatos operados na passagem do latim para o português. (p. 17)*

Caso aproximemos a conceituação de gramática expositiva feita por NMA à de Eduardo Carlos Pereira, notaremos a semelhança entre ambas, pois em sua *Gramática Expositiva*, a definição realizada por Eduardo C. Pereira é a seguinte:

(...) *Gramática expositiva, DESCRITIVA ou PRÁTICA; é a que expõe ou descreve metódicamente os fatos atuais de uma língua determinada (p.18)*

Desse modo, NMA, ao falar em sistematização metódica dos fatos da língua, já na definição do vocábulo gramática, diferencia-se de seus autores referenciais e insere sua gramática em uma perspectiva descritiva ou prática.

3.4.3 – As partes da gramática

Em relação às partes da gramática, temos:

Encontramos nas *Noções Gerais* (são o capítulo 1), de forma numerada, os tópicos correspondentes às definições e explanações a respeito do que vem a ser Linguagem (e, em

seguida, palavra, língua, vocábulo, vocabulário e proposição) e Gramática. Vejamos:

(...) LINGUAGEM, que outra coisa não é senão a propriedade que temos de, por meio de palavras, comunicar-nos entre nós, exteriorizando o nosso pensamento, relatando fatos e coisas internas ou externas, acontecidas ou ainda por acontecer.

Esse meio de comunicação poderá ser feito com simples sons orais, com sinais, com arranjos convencionais, gestos, disposição dos objetos que nos cercam; teremos, então, além da linguagem por meio de sons orais, que se denomina linguagem falada ou glótica, a linguagem mímica, feita por gestos, e a linguagem escrita ou gráfica, feita por sinais, marcas, gravações, arranjos etc.. (p. 15)

13 – Denomina-se GRAMÁTICA a reunião ou exposição metódica dos fatos de uma língua.

Da mesma maneira que a música possui sua artinha, ou seja, o conjunto de princípios, norma, ensinamentos e regras concernentes a essa arte, também as línguas possuem cada uma a sua gramática, isto é, o conjunto de todas as normas para o seu perfeito uso.

14 – Quando tal estudo abrange, simultâneamente, diversas línguas congêneres, isto é, filiadas à mesma origem e, portanto, semelhantes, ele constitui o que se denomina GRAMÁTICA GERAL. Desta espécie é a Gramática das Línguas Românicas de Frederico Diez (pronuncie Ditz).

15 – Se a gramática visar apenas aos fatos de uma língua particular, ela será GRAMÁTICA PARTICULAR, que passará a chamar-se portuguesa, francesa, inglesa etc., conforme a língua particular que estudar.

16 – A gramática particular tem um fundo de generalidade no que concerne à lógica, mas se preocupa essencialmente dos fatos peculiares de determinada língua, estudando-lhe os fatos particulares, o método e as regras

apropriadas para o seu perfeito uso.

17 – A gramática particular pode ocupar-se exclusivamente da origem de uma língua e dos processos de sua formação e se chamará gramática histórica.

18 – Se, porém, visar aos fatos atuais da língua, mostrando e ensinando as regras vigentes para o seu perfeito manuseio, sem cogitar da sua formação, ela será gramática expositiva.

19 – Esta última, isto é, a gramática expositiva, que também se chama descritiva ou prática, é a que vamos estudar com relação à nossa língua, não deixando de ver, na Etimologia (Cap. XXXII), os principais fatos operados na passagem do latim para o português.

20 – Duas são as grandes partes da gramática: a lexeologia e a sintaxe.

21 – LEXEOLOGIA (do gr. léxis, léxeos = locução, e logia = estudo) é a parte que estuda a palavra em si, quer no elemento material, isto é, quanto à forma, quer no elemento imaterial, ou seja, quanto à ideia que ela encerra.

22 – SINTAXE (do gr. syntaxis = arranjo) é a parte que estuda a palavra não em si, mas com relação às outras que com ela se unem para exprimir o pensamento.

Se a lexeologia estuda a palavra, a sintaxe estuda a frase, quer completa quer incompleta.

23 – Daí a diferença entre análise léxica e análise sintática ou lógica.

ANALISAR LÈXICALMENTE uma palavra é considerar a palavra em si, na sua forma, acento, terminação, grafia, número de sílabas etc.

ANALISAR LÒGICAMENTE é considerar a palavra com relação às outras que se acham na mesma oração, é ver a função lógica que exerce na oração. (p. 17-8)

A divisão em duas partes, coadunada com as gramáticas ditas científicas, revela a sua preferência pelo estudo da palavra. Segundo Fávero & Molina (op. cit.: p. 131) “o centro da pesquisa é, na segunda metade do século XIX, a palavra, entendendo-se o porquê da divisão não ser mais prosódia, etimologia, sintaxe e ortografia” - divisão que remonta à de Soares Barbosa.

3.4.3.1 – Lexeologia – estudo das palavras isoladas

LEXEOLOGIA – ESTUDO DAS PALAVRAS ISOLADAS

Inicia-o pela seguinte denominação: é o estudo da palavra a partir de suas bases - material e imaterial.

(...) 24 – uma vez que a lexeologia estuda a palavra sob dois aspectos, o material e o imaterial, duas são as partes em que a lexeologia se divide: fonologia e morfologia. (p. 19)

Uma vez que divide a obra em duas grandes partes – lexeologia e sintaxe – e lexeologia é o mais volumoso, o capítulo em questão revela grande extensão de assuntos e grande extensão de notas explicativas (ora denominadas “notas”, ora denominadas “ob. = observação”, ora denominadas ob.s = observações, ora caracterizadas com números (1, 2, 3 etc) indicando o rodapé - como hoje o entendemos).

A Lexeologia engloba fonologia, morfologia - dividida em taxonomia e etimologia -, contendo 32 capítulos divididos em 464 tópicos e 32 questionários de verificação do conteúdo – um por capítulo.

No capítulo III – VOGAIS, estuda as vogais orais, nasais, dos grupos vocálicos – ditongos (orais e nasais), semiditongo, tritongo, monotongo e hiato. Vale ressaltar que o termo vogal, durante o capítulo, não é visto como equivalente do termo vozes (o que é percebível em Eduardo Carlos Pereira).

No capítulo IV – CONSOANTES, estuda as consoantes e suas divisões. Apresentará um grande detalhamento acerca de cada consoante.

No capítulo V – PROSÓDIA, estuda a acentuação (parte A) e os metaplasmos

(parte B). No capítulo, NMA tratará do tema Crase.

No capítulo VI – ORTOGRAFIA, estudo a respeito da “exata figuração dos sons”, conforme diz o autor. Dividirá o capítulo em 5 partes: sistema ortográfico, notações ortográficas, partição dos vocábulos, emprego das maiúsculas, abreviaturas.

No capítulo VII – MORFOLOGIA, estudo da palavra e sua bipartição: taxonomia e etimologia. Por taxonomia, NMA entende o estudo das palavras e sua distribuição em classes. Na sequência dos capítulos, até que chegemos ao estudo da Etimologia, cada classe de palavras servirá de capítulo. Logo, teremos 8 grandes capítulos (e seus subcapítulos), pois são oito as classes ou categorias de palavras para NMA – substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio, preposição, conjunção e interjeição -, corroborando um apego à tradição: gramática de base filosófica. Ponto interessante é o fato de o autor apresentar, na divisão das classes, a classe dos pronomes anteriormente à classe dos verbos, mas na sequência a classe dos verbos vem antes do capítulo dos pronomes – fato que o autor anunciará em seu prefácio.

No capítulo VIII – SUBSTANTIVO, estudo a respeito da classe em seus aspectos de gênero, número e grau e suas particularidades.

No capítulo XII – ADJETIVO, estudo a respeito da classe em seus aspectos qualificativos e determinativos e articulativos (o que hoje, respectivamente, denominamos numerais e artigos).

No capítulo XV – VERBO, estudo a respeito da classe em seus aspectos de predicação completa e incompleta.

No capítulo XVI – PRONOME, estudo a respeito da classe em suas formas substantivas e adjetivas.

No capítulo XVII – ADVÉRBIO, estudo a respeito da classe em seus aspectos inflexíveis.

No capítulo XXVIII – PREPOSIÇÃO, estudo a respeito da classe em seus aspectos de “função conetiva”.

No capítulo XXIX – CONJUNÇÃO, estudo a respeito da classe em seus aspectos também “conetivos”. Todavia, neste capítulo, o autor atenta, de modo descritivo/reflexivo, bem semelhante à análise de Eduardo Carlos Pereira, para um fato relevante acerca da classe conjunção: *“casos há, no entanto, em que a conjunção invade de fato o terreno da preposição; tal acontece quando liga palavras que não podem ser desdobradas em*

proposições; o período `Pedro e Paulo são irmãos´(...) não podem ser desdobrados, porque perderiam completamente o sentido” (p.307).

No capítulo XXX – INTERJEIÇÃO, estudo a respeito da classe em seus aspectos de sintetismo do pensamento.

3.4.3.2 – Sintaxe – estudo das palavras combinadas

SINTAXE – ESTUDO DAS PALAVRAS COMBINADAS

O conteúdo está dividido do seguinte modo: nas **“noções gerais”** diz que a palavra exerce duas funções – léxica e sintática (= lógica); **“na 1ª parte – a proposição e seus termos”**, encontramos a definição de proposição e nas notas a etimologia das palavras proposição, oração e sentença. Vale ressaltar que a designação proposição é uma estrutura recorrente na tradição gramatical filosófica; **“na 2ª parte – processos sintáticos”**, há o estudo do “comportamento de um termo para com outro”. Para tanto, o autor apresenta os processos sintáticos vinculados à concordância, à regência e à colocação; **“na 3ª parte – período gramatical”**, encontramos o estudo do período gramatical em relação à forma, ao sentido, à função e aos membros e o capítulo denominado “Particularidades Sintáticas”.

Neste momento, realizaremos uma análise um pouco mais detalhada do capítulo Sintaxe, porém consideraremos os limites existentes para um trabalho monográfico desta natureza. A escolha pelo tópico Sintaxe se baseou no seguinte ponto: o próprio autor diz que grande parte dos assuntos gramaticais já haviam sido tratados na *lexeologia* e que por isso não faria como os autores de outras gramáticas, ou seja, não deixar muito claro o que é assunto da lexeologia e o que é assunto da sintaxe. Além disso, considera que a menor quantidade de matéria é salutar para a aprendizagem de quem consulta a sua gramática. Vejamos

(...) 466 – Muitos dos ensinamentos que as gramáticas costumam apresentar na sintaxe eu já expus, para maior proveito do aluno, na própria lexeologia; (...)

467 – O programa que passaremos a desenvolver abrange

matéria bastante menor que a já estudada, mas é a que constitui o verdadeiro desideratum de quem pretende conhecer nosso idioma. (p.349-350)

Sendo assim, escolhemos o capítulo Sintaxe por conta da proposta de método sugerida pelo autor e também por encontrarmos uma análise bem interessante que NMA faz a respeito de uma das grandes dificuldades gramaticais em língua portuguesa: a questão da relação de concordância no uso do infinitivo pessoal³⁰. É aqui que vemos, claramente, o autor dialogando com grandes referências em assuntos gramaticais: Soares Barbosa e Frederico Diez. NMA apresenta o assunto e aos poucos vai inserindo as visões desses dois autores. O fato interessante é que NMA diz que as regras dos grandes mestres e as deles não dão conta de todos os dilemas a respeito do assunto e propõe não só o bom senso, mas o uso, a clareza e o ouvido como instrumentos para a resolução dos possíveis problemas. Na nota a seguir, NMA apresenta a dificuldade do problema e prepara o leitor/aluno para a inserção das teorias dos dois grandes mestres: Soares Barbosa e Frederico Diez. Vejamos

(...) 583 – É verdadeiramente desconcertante para o professor de português o problema do infinito pessoal; tropeços enormes encontram-se para própria exposição e explanação do assunto, quanto mais para a fixação, não digo de regras, mas de normas que possam guiar o aluno. Volver gramáticas é, para o caso, trabalho árduo e, para muitos, inútil. Tal a barafunda de certas gramáticas, que o leitor chega a conclusões desesperadoras e, muitas vezes, falsas e nocivas. (p. 477)

586 – Foi Soares Barbosa o primeiro gramático que tentou regular o problema da flexão do infinitivo (...) - Gramática Filosófica – 1803 (p. 479)

588 – Aparece então outra regra, 33 anos depois da de

30. A denominação usada por NMA é infinito pessoal é faz parte do capítulo “*Particularidades Sintáticas*”. O capítulo surge por conta das peculiaridades em torno da relação concordância e uso do infinitivo e pelo fato de NMA não ter tratado do assunto na parte correspondente aos assuntos da Lexeologia, pois para ele seria demasiado inútil “*deixar o aluno suspenso em determinada questão gramatical, para fazê-lo outra vez estudar, depois de meses de intervalo, a mesma questão sob o aspecto sintático*”. (p. 477)

Soares Barbosa, formulada por Frederico Diez em sua
“Grammatik der Romanischen Sprachen” (Gramática das
Línguas Românicas - 1836-1844) (p. 481-2)

É muito interessante notar que NMA confronta a visão dos dois mestres no intuito de revelar que cada um, a sua época, tentou dirimir as dificuldades do assunto, porém as proposições dos autores não foram suficientes, pois o próprio NMA percebe que a construção do *infinito pessoal* deve se basear na seguinte questão: “*Sempre, portanto, que se chocarem as regras de Soares Barbosa com a de Frederico Diez, servir-nos-á de árbitro, não digo só o bom senso, mas o uso, a clareza, o ouvido*” (p. 485).

No entanto, NMA orienta seus alunos para a existência de normas secundárias³¹ que servirão de apoio para a melhor compreensão do assunto. Ao elaborar as normas, o autor rompe com a tradição dos mestres que lhe servirão de apoio para dizer que o bom senso e o uso serão a base para a explicação da matéria. Em seguida, constrói suas explicações a respeito do que é e como se estrutura o *infinito pessoal*. Para isso, apresentará os principais casos de ocorrência do infinito pessoal. São eles:

- 1) **A Conjugação Perifrástica** – a existência de dois verbos (um no infinitivo e o outro flexionado) formando uma locução verbal. Quando ocorrer a conjugação perifrástica, deveremos ter a clareza de que a estrutura é, na verdade, uma expressão única e, assim, não é possível a flexão do verbo que não é o principal. Expressões como “Desejamos comprarmos” deverá ser substituída por “Desejamos comprar”.
- 2) **Oração Infinitivo-Latina** – primeiramente vale recordar que a oração infinitivo-latina faz referência à possibilidade de construirmos determinadas orações fazendo com que o sujeito não seja substituído apenas por pronomes retos, uma vez que há casos em que os pronomes oblíquos desempenham essa função. Exemplo: Deixaram-ME sentar. O pronome ME exerce a função de sujeito do verbo sentar.³²

31. Segundo NMA, “normas secundárias são aquelas que explicam e justificam centenas de exemplos que contrariam os dois citados mestres” (p. 484). Vale ressaltar: NMA alerta que a construção de normas secundárias estará subordinada às regras de Soares Barbosa e às de Frederico Diez.

32. Vale dizer que o autor denomina tais construções como *latinismos sintáticos*, ou seja, “*pelo fato de nessas orações aparecer a forma oblíqua o pronome, não nos devemos deixar enganar na sua análise, atribuindo-lhe função objetiva. Trata-se, exclusivamente, de um latinismo sintático, onde as subordinadas substantivas levam o verbo para o infinito, com o respectivo sujeito no caso acusativo*” (p. 365-6)

- 3) **Preposição+Infinito** – é a possibilidade de o infinitivo regido de preposição (fadados a passar) constituir-se como um complemento de substantivo ou adjetivo, ficando, portanto, na forma impessoal.
- 4) **Posição – Distância** - quando um infinitivo preposicionado preceder ao verbo regente ou se distanciar dele, há possibilidade de flexão (exemplo retirado da *Gramática Metódica* (p. 488): “Para se CONSOLAREM, os infelizes dormiam tranquilos”)

A breve análise realizada do capítulo Sintaxe revela o quanto a visão de NMA estava tradicionalmente coadunada com os autores que o antecederam e serviram de referência. Ao mesmo tempo, o autor não hesita em romper com essas visões quando percebe que a tradição não dá conta de explicar o que ele denomina de “fatos de uma língua”³³.

3.4.4 – Partes finais

APÊNDICE LITERÁRIO

Responde aos tópicos relacionados ao estilo – definido como “*maneira peculiar, individual, de expressar cada escritor os seus pensamentos*” (p. 512) - à literatura, ao gênero literário – o autor apresenta divisão dos gêneros e, em seguida, a construção de quadro sinóptico -, à versificação, à métrica, à cadência e à rima.

ÍNDICE ALFABÉTICO E ANALÍTICO

Uma vez que o autor diz que uma de suas preocupações está vinculada ao caráter metódico dos assuntos, o índice alfabético e analítico – semelhante ao de Eduardo Carlos Pereira - é a forma encontrada pelo autor de propiciar ao consulente, “*quando uma dúvida o assalta, em que parte da gramática procurar-lhe a devida solução, sem perda de tempo*”

33. NMA define gramática como a reunião ou exposição dos fatos de uma língua e em seu prefácio anuncia que os fatos linguísticos necessitam de explicação, justificação e exemplos.

no folhear e revirar páginas” (p. 13). Assim, o índice é bem pormenorizado.

REFERÊNCIAS À 1ª EDIÇÃO

Série de agradecimentos e elogios em relação ao autor e à gramática por ele produzida. Quanto a isso, podemos dizer que no seu embate em preservar o idioma pátrio, dar voz ao público, em sua *Gramática Metódica*, foi a maneira encontrada pelo autor para revelar a importância de sua gramática para o público falante de língua portuguesa e, assim, preservar a tradição gramatical

“Receba meus cumprimentos pela publicação da Gramática Metódica da Língua Portuguesa” (Gustavo Capanema). (p. 541)

“É proveitosa e indispensável não só aos estudantes dos vários anos, mas também a todos os que desejam manejar corretamente nosso idioma. Em linguagem escorreita, todos os fatos concernentes à nossa língua são tratados de modo simples e intuitivo. As inovações introduzidas, na disposição da matéria, são de raro alcance pedagógico” (Manuel Pereira do Vale, S. Paulo). (p. 542)

Considerações Finais

Ao finalizar esta monografia, é fundamental realizar algumas considerações a respeito do trabalho como um todo, uma vez que muitas das questões iniciais – conservadorismo, preconceito, ruptura e tradição - a respeito da *Gramática Metódica* suscitaram releituras e, por conseguinte, reconsiderações a respeito da obra.

A realização da monografia não esgota os possíveis estudos a respeito da *Gramática Metódica* e nem tem tal pretensão. Ao contrário, outras investigações a respeito de tão importante gramática devem acontecer, pois contribuirão para a nossa história gramatical e a colocação como obra importante no acervo da História da Gramática no Brasil.

Inicialmente, o trabalho realizado teve como ponto de partida responder a uma grande questão: será que a *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, de Napoleão Mendes de Almeida, circula pela ruptura e pela tradição no que diz respeito aos assuntos gramaticais?

A partir dessa pergunta, cada capítulo construído objetivou respostas que pudessem compreender o que é a *Gramática Metódica*. Assim, no capítulo 1, apresentamos os pressupostos teóricos e metodológicos acerca da História das Ideias Linguísticas, a fim de analisar de que modo um determinado saber linguístico, no caso a *Gramática Metódica*, é interpretado e analisado no decorrer do tempo. O procedimento utilizado para a construção da monografia obedeceu à seguinte ordem: a leitura da obra de NMA, a leitura das gramáticas de maior referência para ele, no caso, Ernesto Carneiro Ribeiro – *Elementos de Grammatica Portuguesa* – 8ª ed. 1958, Eduardo Carlos Pereira – *Gramática Expositiva: curso superior* – 89ª ed. 1926, Jerônimo Soares Barbosa – *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa* – 7ª ed. 1881, a leitura dos pressupostos teóricos a respeito da História das Ideias Linguísticas e a leitura da bibliografia recolhida para a formulação do trabalho. Feito isso, procedemos à análise.

O capítulo 2 destacou as principais referências gramaticais encontradas na *Gramática Metódica*, de NMA, por meio de breves análises das obras desses autores. O foco era corroborar a seguinte questão: os conteúdos apresentam relativa estabilidade e, por isso, as comparações foram pertinentes e se estruturam a partir dos seguintes pontos:

- a estrutura da obra: ano de publicação e edição, prólogo(s) e divisão dos conteúdos;
- o conceito de gramática e o conceito das principais partes da gramática (a partir da estruturação/divisão criada pelos autores. Assim, se determinado autor estruturar sua gramática em três partes, por exemplo - Fonética, Morfologia e Sintaxe - , serão as tais partes objeto de análise);
- os apêndices.

O capítulo 3 apresentou a análise e a descrição da *Gramática Metódica*. Foram feitas as considerações biográficas necessárias e na sequência o exame da obra. A obra do autor foi apresentada em detalhes analíticos e descritivos a fim de revelar a ideia de ruptura e tradição. O cumprimento proposto para o capítulo permitiu evidenciar as marcas de rompimento e tradição, fato percebível no capítulo *Sintaxe* da obra de NMA, uma vez que as concepções gramaticais de outros autores (no caso, Soares Barbosa e Frederico Diez) foram apresentadas, analisadas e, quando necessário, ampliadas pelo próprio NMA.

Por fim, vale dizer que esta monografia não arrega para si o direito de ser conclusiva. Ao contrário, almeja a abertura de novos estudos a respeito daquele que foi um dos mais importantes gramáticos e filólogos da Língua Portuguesa, ou seja, o eminente NAPOLEÃO MENDES DE ALMEIDA.

Bibliografia

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1944.

_____. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 1962.

_____. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 45ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

AUROUX, Sylvain. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. *História Entrelaçada 2 – A Construção de Gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa na Primeira Metade do Século XX*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BORGES, Juliana Marítimo. *Um estudo descritivo-analítico da Gramática Metódica da Língua Portuguesa e do Dicionário de Questões Vernáculas de Napoleão Mendes de Almeida*, dissertação de mestrado. São Paulo, PUC, 2008.

CASIMIRO, Arival Dias. *A gramática Científica de Eduardo Carlos Pereira, tese de doutorado. PUC, 2004.*

COUTO, Manuel Amor. *Gramática e teorização linguística em Portugal: a Gramática Filosófica de Jerónimo Soares Barbosa*. Revista Galega de Filoloxia, Universidade de Santiago de Compostela, 2004.

DICIONÁRIO DE AUTORES PAULISTAS. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

FÁVERO, Leonor Lopes. *As Concepções Linguísticas no Século XIX – A Gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

_____. *A atualidade da Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa de Jerônimo Soares Barbosa*. Artigo publicado para o Encontro de Centros de Estudos Portugueses do Brasil [1: 1993: São Paulo]. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP, 2001.

IÓRIO, Patrícia Leite Di & FRANCO, Maria Ignez Salgado de Mello. *Napoleão Mendes de Almeida e a Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. In: BASTOS, Neusa Barbosa e PALMA, Dieli Vesaro (orgs), *História Entrelaçada 2: a construção de gramáticas e o ensino de língua portuguesa na primeira metade do século XX*, RJ: Lucerna, 2006.

MOLINA, Márcia Antonia Guedes. *Um estudo descritivo-analítico da Gramática Expositiva (curso superior) de Eduardo Carlos Pereira*, tese de doutoramento. São Paulo, USP, 2004.

NEVES, Maria Helena Moura. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. *A Gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo, Unesp, 2002.

PETTER, Margarida. *Linguagem, Língua, Lingüística*. In: FIORIN, J. Luiz (org.). *Introdução à Lingüística*. São Paulo, Contexto, 2002.

SILVA, Maurício. “*A gramática brasileira novecentista: uma história*”, para a *REVISTA LETRA MAGNA - Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura - Ano 03- n.04 -1º Semestre de 2006*.

SILVA, Nelson Rodrigues da. *O papel de Napoleão Mendes de Almeida no Cenário dos Estudos Linguísticos Brasileiros: Conservação e Intolerância*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2005.

SILVA, Rosa Mattos e. *Tradição Gramatical e Gramática Tradicional*. São Paulo: Contexto, 2002.